



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DANIELLE GOBERTO BASTOS

CÍRCULO DE MULHERES NO RECIFE (2000-2021):
Uma nova configuração política do feminino

RECIFE

2023

DANIELLE GOBERTO BASTOS

CÍRCULO DE MULHERES NO RECIFE (2000-2021):

Uma nova configuração política do feminino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção de título de graduada em História.

Orientadora: Dra. Alcileide Cabral do Nascimento

RECIFE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B327c Bastos, Danielle Goberto
Círculo de mulheres no Recife (2000 - 2021): uma nova configuração política do feminino / Danielle
Goberto Bastos. - 2023.
60 f.
- Orientadora: Alcileide Cabral do Nascimento.
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2023.
1. Feminismos. 2. Círculo de mulheres. 3. Sagrado feminino . I. Nascimento, Alcileide Cabral do, orient.
II. Título

CDD 909

AGRADECIMENTOS

Quando eu entrei na graduação eu não imaginava que a quantidade de acontecimentos que iria enfrentar, na verdade, não fazia ideia do fardo que o curso de História proporciona, como também não imaginava a capacidade que tinha para abrir a visão de mundo, compreender que existem diversas verdades e realidades no mesmo mundo, cada indivíduo o pensa de forma diferente.

Agradeço a minha mãe Luciana Goberto pelo incentivo para iniciar o curso e por todo o incentivo durante a trajetória, que não foi fácil. Agradeço por permanecer ao lado nos momentos que precisei e continuar me encorajando, me cobrindo de palavras e pensamentos positivos, com afirmações que fortalecem a confiança, que dão motivação para continuar na caminhada.

Em seguida, eu quero deixar meus agradecimentos a minha falecida avó, que não deixou de ser incentivadora para continuidade e principalmente para o estímulo e gosto pelo meu objeto de pesquisa, mesmo de longe. Eu sempre pensei o quanto de conhecimento estavam se perdendo quando as mulheres mais velhas iam embora, os saberes sobre os cuidados e curas. E graças me apareceu um objeto de pesquisa que me debruço justamente sobre o resgate desses saberes.

Agradeço também a Nossa Senhora, por estar sempre à frente dos meus projetos, da minha vida. Pelo caminho que vem me guiando sempre, a fim de encontrar os momentos certos para seguir, as oportunidades que vão aparecendo pelo caminho, com a própria sugestão da pesquisa, feito pela minha orientadora Alcileide Cabral, que surgiu dos céus, eu creio.

Quero, inclusive, agradecer a Alcileide Cabral, que apareceu no começo do meu curso, tive a oportunidade de conhecê-la durante a disciplina optativa de feminismos e que a partir daí eu percebi que queria continuar na área, agradeço pelo convite, por toda paciência e cuidado, sabendo que das demandas que eu carrego e que abriu diversas portas nesse caminho, a partir do convite de pesquisa que foi feito.

Sou Grata a minha filha Aurora Goberto Maia, que é minha força e equilíbrio diárias, que me motiva todos os dias a passar por cima de qualquer dificuldade, os

desafios parecem ser possíveis de enfrentar e resolver. Que foi mais uma força para mudança de visão do mundo e sobre a função e importância que damos às coisas, ensinando todos dias, me incentivando a me tornar a melhor de mim diariamente.

A presença das mulheres na vida sempre foi grande, cresci junto com a minha mãe, minha vó, minha tia e minha prima, entre mulheres eu nasci, me criei e cresci e essa presença feminina não poderia deixar de ser importante na minha vida, agradeço a todas as mulheres que me atravessaram, que me ensinaram, que passaram e que estão na minha vida, sou formada por cada uma delas.

Um agradecimento especial para uma pessoa que me incentiva diariamente, que está do meu lado, que me dá apoio, a pessoa a qual eu debato sobre os textos que leio e isso contribui para ampliar a minha visão, a qual discuto sobre a minha pesquisa para organizar as informações, que corrige os meus textos, que me dá suporte sempre que preciso é meu companheiro Daniel Maia. Contribui sempre para meu crescimento pessoal, estando sempre ao meu lado, contribuiu muito para o andamento e finalização da minha pesquisa e para conclusão do curso.

Agradeço a Ailton Robson, que está desde o começo do curso comigo, me ajudou muito nos momentos difíceis, segurou minha mão e contribuiu muito para a conclusão do meu curso, sempre me lembrando dos documentos, dos textos, me enviando, resolvendo coisas por nós dois, obrigada, amigo! Márcio Duarte e Paulo Patriota, que tive mais proximidade com a gestão do DAHIS Manoel Corrêa de Andrade, mas que me ajudaram muito nessa caminhada e que criamos laços para além da academia.

Por fim, eu quero agradecer as várias versões anteriores de mim, que suportou, que lutou, que não desistiu e que chegou até aqui. Que esteve aberta a receber, a aprender, a evoluir, que teve gana por conhecimento e garra para continuar. Quero saudar e agradecer as minhas fases e por cada contribuição delas para alcançar os objetivos e saciar a fome da alma.

RESUMO

O trabalho “CÍRCULO DE MULHERES NO RECIFE (2000-2021): debates e histórias”, vinculado ao projeto matriz “A MÁTRIA DAS MULHERES: Feminismos, Sagrado Feminino e Círculo de Mulheres no Recife (2000-2021), orientado pela Prof^a Alcileide Cabral do Nascimento, tem como objetivo principal analisar como e quando as feministas do Recife articulam os Círculos de Mulheres e promovem uma nova configuração política do feminino entre 2000-2021. Para desenvolver a pesquisa utilizamos como base teórica Mirella Faur e Jean Shinoda Bolen sobre os Círculos de Mulheres. Do ponto de vista metodológico foi realizado levantamento bibliográfico e de fontes, como conteúdo das mídias digitais relacionados aos Círculos de Mulheres. Para este trabalho, o foco de análise foi o círculo de mulheres promovido por Liv Falcão e financiado pela Lei Aldir Blanc, intitulado Roda EuMulher, realizado de forma remota, em 2020, pela plataforma Youtube. Os resultados finais indicam que as feministas que promoveram e participaram deste Roda/Círculo pertencem a diferentes posições sociais. O movimento busca a conexão com os saberes dos povos originários e ancestrais que reconectam às pessoas aos ciclos da natureza, da vida, da morte e do renascimento. É possível afirmar que o Círculo em análise promoveu um olhar decolonial numa perspectiva interseccional ao promover um fecundo debate sobre gênero e identidade sexual e a dimensão estruturante do racismo em nossa sociedade. Observa-se um olhar empoderador para os corpos/corpas que performam o feminino e um confronto com o patriarcado e as bases que o sustentam.

Palavras-chave: Feminismos; Círculos de Mulheres em Recife; Sagrado Feminino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CÍRCULOS DE MULHERES (TEORIA)	20
2.1 FORMAÇÃO DOS CÍRCULOS	23
3 CÍRCULOS DE MULHERES E O FEMINISMO (QUAL A RELAÇÃO?)	28
4 PRÁTICAS DOS CÍRCULOS DE MULHERES: GINECOLOGIA NATURAL E AUTÔNOMA	34
4.1 QUEM COMPÕE O CURSO DE FORMAÇÃO	37
4.2 OPERANDO COM A INTERSECCIONALIDADE	41
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

4. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar de que maneira os encontros dos Círculos de Mulheres conseguem promover uma nova configuração política do feminino, durante o período de 2000 a 2021, no Recife. Esses encontros vêm se disseminando, acontecendo com maior frequência e tendo cada vez mais adeptas e adeptos. Surgiu junto com o movimento da espiritualidade feminina no fim do século XX e continua em expansão, começando a fazer parte de diferentes âmbitos, aos quais não fazia. Então, o movimento vem se ampliando e modificando com o passar do tempo, juntamente com mudanças externas.

Pode-se pensar nas maneiras nas quais as mulheres colocam em prática o hábito de estarem juntas, mais especificamente nos Círculos de Mulheres. Por todo o percurso da história as mulheres procuraram formas de estarem juntas, encontraram várias maneiras para que pudessem compartilhar suas vivências e conhecimentos, essas mulheres costuravam, bordavam, teciam, liam, rezavam e esses momentos eram cruciais para fuga do cotidiano opressor que cada uma estava. A pesquisa se aterá ao movimento da espiritualidade feminina e a formação dos Círculos de Mulheres, analisando como nesses encontros as mulheres continuam a compartilhar conhecimentos e vivências, na fuga da realidade machista a qual estão submetidas. E a partir disso busca solucionar as questões em relação a como atua e se articula, hoje, os referidos Círculos, bem como de que maneira contribui para uma nova configuração política do feminino rompendo com as bases patriarcais e operando com as interseccionalidades das mulheres e a população LGBTQIA+.

É extremamente necessário para a sociedade que relembremos que o círculo está por toda parte, a necessidade se faz, justamente, pelo fato de que na cultura atual o círculo foi negado, fazendo com que se esqueça que o mundo, o universo e os seres funcionam de forma circular. Isso pode ser observado no ciclo da vida, ciclo da lua, ciclo das marés, ciclo menstrual, ciclos das estações. Foi baseado nesses ciclos que os povos originários e ancestrais se organizavam, em relação ao tempo, a plantação e colheita, a funcionalidade da mulher, a rituais, espiritualidade, trazendo esse modelo para organização social e política. Para Mirella Faur, o círculo “é um símbolo antigo e universal, que representa a unidade e a totalidade; tem uma forma perfeita e infinita, sem começo nem fim que caracteriza a continuidade” (2011, p. 49).

O círculo é visto como a forma pela qual as energias universais se integram, por isso tornou-se o símbolo mais antigo e fundamental da humanidade, sendo utilizados em cerimônias e encontros comunitários de reverências às Deusas, pelos povos antigos. As comunidades antigas organizavam-se em volta de um espaço central circular. Durante milênios o círculo foi considerado a forma sagrada, fazendo parte de crenças, conceitos, cerimônias, rituais. Por ser ininterrupto e contínuo, movimentar-se em ciclos, o tempo foi também representado por esta forma. Sumérios, hindus, chineses, astecas, entre outros povos, utilizavam calendários circulares. Além disso, o uso de círculos contribuiu para o avanço tecnológico e progresso da civilização, com a criação da roda, que gerou outros objetos, com diversas funcionalidades, a partir dele, como a carroça, a moenda (FAUR, 2011, p. 50).

Ainda como afirma esta autora, “A reunião em círculos de pessoas que compartilham os mesmos objetivos e interesses é uma maneira ancestral e sagrada de provocar transformações pessoais e coletivas” (2011, p. 51). Dessa maneira, a organização e reunião em círculos trazem alguns benefícios, como a capacidade de concentrar e direcionar energias no caminho de mudanças e transformações individuais e coletivas. O círculo tem como um de seus objetivos ser um espaço que incentiva a gratidão, o reconhecimento, a conexão com o plano espiritual. Bem como, incentiva a assumir a responsabilidade participando da preservação da natureza, a partir do momento em que conseguimos expandir o pensamento para além do Eu. É um espaço em que as pessoas podem sentir-se à vontade para expressar a sua verdade, ao mesmo tempo que silencia para ouvir os demais.

A partir dos círculos, Faur afirma que se pode desenvolver uma nova consciência e novos valores que vão além dos interesses pessoais. Procura-se servir à comunidade e realizar atividades que preencham e façam bem à alma de cada um. É possível também reconhecer seus potenciais e habilidades, escutando de maneira aguçada sua própria voz interior. Ao mesmo tempo em que incentiva o autoconhecimento, os círculos contribuem para a expansão do Eu para o Nós. Essa forma exclui a liderança, todos ocupam um mesmo lugar no espaço, todos se vêem e se escutam, não há ninguém acima ou abaixo, mas todos estão um ao lado do outro, colocando em prática suas melhores funções e habilidades, de maneira que se sintam preenchidos e felizes com o que fazem de melhor. Cada participante tem a sua

importância reconhecida e sua contribuição é bem recebida, o que cria laços fortes entre os participantes e a autoconfiança por ser livre para saciar a fome da alma.

Os Círculos de Mulheres têm um papel importante na contribuição para a expansão do movimento da espiritualidade feminina. Esses Círculos têm como um de seus objetivos a conexão e a celebração do princípio divino feminino, resgatam e ativam a conexão ancestral e os encontros são capazes de proporcionar um espaço que não é encontrado na atual sociedade, que apoie e incentive o desenvolvimento e fortalecimento pessoal das mulheres. Esse movimento encoraja as mulheres a amar seus próprios corpos, reconhecendo-se como sagrada e parte da natureza, contribuindo com a interação e conexão com os recursos, energias e seres da natureza. É a formação de uma unidade, que contém um propósito e as energias fluem em uma mesma direção.

Através dos círculos é possível proporcionar um espaço seguro e protetor para as mulheres, sobretudo, quando o encontro é presencial e em espaço adequado. Dentro do Sagrado Feminino acredita-se que é mais natural compartilhar o poder do que lutar para se apropriar dele, dessa maneira, pode-se dar o exemplo a toda a sociedade que é possível utilizar a comunicação aberta, a interação sem uso de hierarquia ou mesmo a opressão, o cuidado com o outro e a busca pelo interesse coletivo. É possível fazê-lo ainda resgatando os ciclos naturais da terra, solares e lunares e das mulheres. É necessário que seja definida a intenção das direções dos projetos para que não se disperse ou se dilua em interesses pessoais, ou seja, é preciso definir coletivamente um objetivo em comum, a fim de alcançar o bem-estar de todas as participantes.

O movimento da espiritualidade feminina surge junto a segunda onda do movimento feminista, por volta da década de 1970, Celi Regina Pinto aponta o aparecimento de grupos de mulheres que se reuniam, nesse período, para discutir questões femininas e se inspiravam em grupos feministas do hemisfério norte (2003, p. 49). O movimento surge com uma orientação espiritual, não na tentativa de modificação das estruturas para melhor aceitação da mulher, mas como um meio de resgatar antigos valores que façam as mulheres sentirem-se parte do mundo, ainda que predominantemente masculino (FAUR, 2011, p. 41), a importância espiritual deve-se à capacidade de unir e regenerar.

A nova espiritualidade busca resgatar a sacralidade do feminino, valorizando os aspectos rejeitados pelo patriarcado, fortalecendo o poder espiritual feminino como pontua Faur (2011, p. 42). Nesse período citado há um aumento na produção de obras e pesquisas ligadas às questões de gênero, inclusive, sobre antigas culturas matrifocais e cultos à Deusa, que, a partir dos achados arqueológicos levantam suposições sobre mitos, símbolos, rituais e cultos ligados à Deusa. Que demonstram uma certa sacralidade do feminino anterior à disseminação e imposição do cristianismo.

Daniela Cordovil indica que as espiritualidades feministas se estruturam em um cenário específico, em que o ideário feminista se encontra com novas espiritualidades dos anos 1970. Mas os Feminismos e o Sagrado Feminino se aproximam mais na contemporaneidade, quando os objetivos dos Círculos de Mulheres tocam no movimento político e na busca de uma mudança estrutural a partir da nova consciência estabelecida com as práticas e reuniões nos Círculos. A autora expõe também a necessidade de se pensar essas espiritualidades a partir de diferentes contextos históricos e grupos sociais, reconhecendo as religiões afro-brasileiras e neopagãs. (2016, p. 119)

Os grupos praticantes da espiritualidade feminina carregam características próprias, como a reverência a Deusa, o empoderamento feminino, o respeito a Natureza, a vida e todos os seres, a realização de rituais, cerimônias e práticas mágicas, além de incentivar o estudo histórico e mitológico para compreensão e assimilação da presença da Deusa no cotidiano. Mas, é preciso lembrar que um Círculo pode ser formado com características próprias e que não sejam ligadas unicamente ao lado espiritual, mas que qualquer Círculo em que as mulheres se encontrem e se reconheçam, se respeitem e despertem pode ser considerado um Círculo de Mulheres, até porque as mesmas sempre buscam uma forma de estarem em contato, o que mantém vivo o sentimento do Ser.

Segundo a autora Faur, os Círculos são sempre organizados pelas mulheres-guardiãs que tem o propósito de levar o conhecimento e práticas ancestrais para as demais mulheres, incluindo-as nesse modelo que pode transformar suas vidas e modificar seus pensamentos, fazendo com que se sintam sagradas e parte do mundo. As Guardiãs utilizam de conhecimento ancestral para a promoção desses Círculos e

de relatos e experiências anteriores. Hoje, temos uma carga teórica muito maior para enriquecer o conhecimento sobre as práticas e as melhores formas de conduzir um Círculo. Neste meio é possível trazer novos conceitos acerca das/os corpos/os, do gênero, da sexualidade feminina, da espiritualidade e da política. Dessa maneira, os Círculos tornam-se inclusivos, acessível a todas/os/es que tenham o interesse em participar, o que serve de exemplo para a maneira como a sociedade como um todo deveria operar (2011, p. 46).

Para algumas autoras como Faur e Regiane Machado, o Sagrado Feminino é um movimento contemporâneo que carrega uma filosofia, além disso é um estilo de vida, que reconecta as mulheres com o feminino, com a Deusa, contribui para a mudança na percepção do corpo, estimulando o autocuidado, o autoconhecimento, valorizando a capacidade de gerar vida, a menstruação, a menopausa, conecta com os ciclos da lua, ciclos da vida, ciclos da natureza, com o poder das ervas e dos presentes que a Mãe Terra dá, modificando a relação entre as mulheres, incentivando a irmandade entre elas ao invés da discórdia e da competição, além de valorizar e cuidar da natureza ao redor (MACHADO, 2020, p.3) .

Dessa maneira, é possível observar a importância da organização em círculos para o movimento do Sagrado Feminino e entender como é articulado um Círculo de Mulheres e quais as contribuições que proporciona para as mulheres e para a sociedade, promovendo uma nova configuração política do feminismo. É possível observar que são realizados reconexões com a ancestralidade, utilizando-se de mitos de origem para compreender o pensamento ancestral sobre o mundo, o universo, as mulheres, as crianças, o sagrado, os homens e comparar com o pensamento que foi desenvolvido com o patriarcado que permanece até hoje, para que possamos diferir um do outro e utilizar o que é de melhor para uma nova forma de organização social, política, econômica.

A partir disso, pretende-se analisar como os Círculos de Mulheres no Recife são articulados e de que maneira promovem uma nova configuração política do feminino, entre anos 2000-2021. Bem como, examinar as matrizes teóricas e conceituais que subsidiam os Círculos de Mulheres, buscando também identificar de que maneira contribuem para o empoderamento feminino e a participação das mulheres nos âmbitos políticos, econômicos e sociais. Por fim, investigar de que

maneira as feministas operam com a interseccionalidade e a inclusão da população LGBTQIA+ nos referidos Círculos.

Para compreender o que foi posto neste trabalho foram utilizados textos teóricos de autoras e autores nacionais e estrangeiras/os. Destacamos, entre eles, o livro de Jean Shinoda Bolen em que discute a importância dos Círculos de Mulheres e funciona como um manual de como deve se desenvolver o Círculo, como deve se organizar, como devem acontecer os encontros e o que eles podem gerar para o individual e para o coletivo.

Podemos destacar também os trabalhos de Mirella Faur que versa sobre a história dos Círculos de Mulheres, as histórias ancestrais e a conceituação teórica, ligada à espiritualidade feminina. Daniela Cordovil contribui ao discutir a formação de uma nova espiritualidade que tem como foco a retomada da sacralidade do feminino. Ainda sobre as leituras teóricas, podemos citar obra “A origem do Mundo”, de Liv Stromquit em que apresenta, de forma bastante didática e em forma de história em quadrinhos, o processo cultural de secundarização da mulher e desvalorização da vagina e da vulva; e o trabalho “O Sagrado Feminino: poder que vem de dentro - despertar cura e empoderamento de mulheres” de Regiane Machado que relata que nestes círculos as mulheres despertam e fortalecem a energia feminina, a autoestima, a confiança e a ruptura com as crenças limitantes.

Alguns conceitos são utilizados neste trabalho e para isso se faz necessário o estudo destes, para a conceituação de gênero, por exemplo, nos apoiamos na definição cunhada por Alcileide Cabral que compreende a categoria de gênero como relacional, marcada pela construção histórica e cultural, que atravessa os corpos e corpas de maneiras diferentes, sendo, portanto, de análise densa, complexa, interseccional e decolonial (2020, p. 12).

Outro conceito que se faz presente no trabalho, e por isso se faz necessário análise é o de Patriarcado, o qual vem regendo a sociedade por séculos.

O patriarcado aqui é entendido como um sistema com estruturas que se modificam ao longo do tempo e deve considerar a relação da raça/etnia e da classe, perpassando por diversas dimensões da vida, tais como o trabalho remunerado, o trabalho não remunerado, o Estado, a sexualidade e as instituições culturais. As estruturas do patriarcado se diferem na forma e no grau interferindo nas dimensões da vida das mulheres em diferentes

sociedades e contextos históricos. Ou seja, o patriarcado é histórico e político, e se altera ao longo do tempo. (AZEVEDO, 2017, p.16)

Ademais, o presente trabalho é um estudo da História do Tempo Presente, que, de acordo com Marieta de Moraes e Lucilia Almeida, é o estudo do passado próximo. “O tempo presente refere-se a um passado atual ou em permanente processo de atualização.” (DELGADO, FERREIRA, 2013, p. 25). O estudo desse período traz consigo alguns desafios, possibilidades, marcos na história, metodologias que deverão ser enfrentadas e utilizadas para a compreensão do tema.

Foram utilizadas as leituras de trabalhos que tratam da história do tempo presente, como “A história do tempo presente”, de Marieta de Moraes, em que descreve os desafios para tratar de uma história recente, a dificuldade do marco temporal, com foco na relação entre memória e história. A história do tempo presente está associada à ideia de um conhecimento provisório, que está em um estado de constante modificações, além da valorização do evento, da contingência e da aceleração da história. Essas dificuldades são encontradas pelo/a historiador/a,

porque ele mesmo é também testemunha e ator de seu tempo e, muitas vezes, está envolvido nesse movimento de aceleração que o faz supervalorizar os eventos do tempo presente, especialmente porque os séculos XX e XXI têm sido mais ricos em grandes mudanças do que nos fenômenos de longa duração que necessitam de maior recuo. (MORAES, 2013, p.23)

Para contornar essas dificuldades o/a historiador/a deve, por sua vez, utilizar-se de métodos e temáticas também específicos, tomando os cuidados necessários acerca das fontes e da objetividade.

A história por muito tempo foi considerada como um estudo do passado, muitos/as historiadores/as consideram esse o objeto de estudo da história e essa definição gerou um preconceito contra os/as pesquisadores/as e as pesquisas do tempo presente. Este preconceito ainda é visto nos dias atuais, por esse motivo não simpatizam com a história de um período que está em permanente processo de atualização. Como se não fosse capaz de observar, analisar algo que é fugaz, as próprias percepções. Esse é um dos desafios a serem enfrentados por historiadores/as do Tempo Presente.

Como mostra Marc Bloch, em seu livro “A Apologia da História ou o Ofício do Historiador”, o objeto de estudo da História são os homens no tempo, homens no plural para representar as diversidades, o que não leva em conta que a afirmação exclui nominalmente e também historicamente as mulheres. E para o fazer histórico, o historiador/a é, obviamente, submetido aos métodos da sua ciência. Contendo a linguagem própria que é necessária para a tradução dos homens e seus processos vividos. O tempo é o pano de fundo em que se desenrolam os fenômenos e se faz importante a contextualização do período em recorte. O tempo é contínuo e está em perpétua mudança, bem como os conceitos e costumes dos homens. Trago essa visão para explicitar que a história do tempo presente também relata um contexto em um recorte, bem como os acontecimentos dentro desse recorte temporal e do contexto abordado, é um fazer histórico sobre um processo próximo à realidade atual.

Além disso, o conhecimento do presente não só se faz importante para entender os fenômenos contemporâneos como para a compreensão do passado. Assim como a ignorância do passado prejudica a compreensão do presente, inclusive a ação no presente. Podemos compreender que a história é a ciência dos homens e mulheres no tempo, unido o estudo dos mortos ao dos vivos. Gerando uma complementaridade, ou seja, se faz necessário não só o estudo de tempos longínquos, como do passado atual, que permite compreender o curso histórico, o passado, o presente e o que poderemos encontrar, provavelmente, no futuro.

A pesquisa em questão tem não só o desafio de trabalhar com a história do tempo presente como trabalhar com o ciberespaço. Como citado na metodologia deste relatório, uma das fontes utilizadas para alcançar os objetivos propostos são as ferramentas digitais, é um espaço que pode ser utilizado para a observação de diversos temas e trabalhos, é um mundo ocupado por diversos assuntos e diferentes ramos. O ciberespaço oferece muitas informações de maneira rápida, é possível acessar diferentes documentos, publicações científicas, relatos pessoais, é possível participar de práticas virtuais que acontecem de maneira simultânea com outras pessoas.

Com isso, também foi realizada a leitura sobre a pesquisa historiográfica e a busca de informações da internet pelos/as historiadores/as. Para a melhor compreensão desse assunto, foi utilizado o artigo “Virada digital? Pesquisa histórica

no ciberespaço”, de André Pereira Lopes, que escreve não ser mais possível as/os pesquisadoras/es ignorarem esse ambiente de informações digitais. Os portais online estão repletos de trabalhos, revistas, artigos, publicações, uma grande gama documental que pode ser utilizada pelos/as historiadores/as. O autor destaca que ocorreram modificações disciplinares decorrentes da crescente digitalização das ferramentas de pesquisa, gerando novos métodos para garantir a estabilidade e autenticidade dos dados. A internet contribuiu para transformar a maneira como os/as historiadores/as pesquisam, ensinam e escrevem a história.

Concomitantemente a leitura do artigo de André Pereira Lopes, para agregar mais conhecimento sobre o uso de documentos digitais, foi realizado o estudo do trabalho “O historiador e as fontes digitais” do Fábio Chang de Almeida, em que explica as formas de utilização das fontes digitais pelos/as pesquisadores/as do Tempo Presente, foca na utilização da internet como fonte primordial para o historiador/a, conceituando “documentos digitais” e explicitando procedimentos metodológicos que são fundamentais para a utilização da internet nas pesquisas históricas.

As ferramentas digitais também se configuram como um desafio, por séculos o papel foi o principal suporte documental validado. Como cita Fábio Chang, a Escola Metódica, no final do século XIX, acreditava que o historiador/a deveria trabalhar apenas com documentos oficiais, como atos governamentais, tratados internacionais, código de leis, etc. Já com a Escola de Annales é feita a utilização de uma ampla gama de fontes com a variedade de manifestações do ser humano, é dentro dessa concepção, de acordo com essa escola teórica, que se pode incorporar as fontes digitais. Outro desafio do uso das redes é a ausência da discussão teórico-metodológica.

Não obstante, as fontes digitais e a internet permitem compreender práticas, atitudes, modos de pensamento e valores do presente. É uma ferramenta de comunicação poderosa, pela facilidade de acesso e amplitude de cobertura, o ciberespaço é um novo espaço de sociabilidade, que permite a redução das distâncias, proporcionando assim possibilidade de diferentes relações sociais e configurações da sociedade, além de permitir que aconteça que a inteligência e a construção coletiva esbarram nos conflitos políticos e embates ideológicos.

Com a ampliação do uso da Internet, o/a historiador/a não pode negligenciar o potencial da rede como fonte de pesquisa, um/a historiador/a do tempo presente, então, tem nas mãos a produção da história do passado recente, podendo, inclusive, participar dessa construção por meio da rede digital. Os documentos digitais permitem fazer uma dissociação do suporte físico para conteúdo informacional. Em compensação, a efemeridade dessas redes torna ainda mais importante o trabalho de análise e preservação da informação, é preciso a adoção de métodos para a aplicação dessa análise de maneira efetiva.

Na internet é possível encontrar uma abundância de informações digitais, por isso se faz necessário a análise do inter-relacionamento entre a documentação, o cruzamento de dados e a observação deles, a verificação de autenticidade desses documentos utilizados, além de ser importante ter uma familiaridade com a documentação. Desta maneira, selecionar os documentos digitais mais relevantes para a análise qualitativa, podendo utilizá-los de maneira segura e confiável após a aplicação dos métodos proposto para essa seleção.

Por fim, podemos perceber que o estudo da história do tempo presente no ciberespaço tem seus desafios a serem percorridos, mas que com a aplicação dos métodos corretos, a avaliação documental, a orientação da teoria da história, é possível chegar aos objetivos traçados, trazendo novas perspectivas para a sociedade. Além de considerar que todo fazer histórico tem seus desafios e problemas que podem ser amparados pela teoria e metodologia correta a ser aplicada para aquele contexto. Por isso, se faz necessário não só a análise de documentos ligados ao tema central, mas também de documentos que orientem o fazer histórico a partir do recorte escolhido e do tema selecionado.

Para a construção deste trabalho, as atividades foram separadas em algumas etapas como as pesquisas de fontes e bibliografia que trata sobre a formação dos Círculos de Mulheres. Durante essas pesquisas foram encontrados trabalhos que serviram para mostrar como os círculos são articulados e suas contribuições pessoais e coletivas, bem como oficinas com facilitadoras de rodas de mulheres. Vale ressaltar que essas oficinas ajudaram a entender de maneira mais abrangente como são abordados os assuntos ligados ao feminino e as práticas realizadas nos círculos

como, por exemplo, a oficina de fabricação da própria Mandala Lunar¹, onde as mulheres aprendem um pouco mais sobre a lua, suas fases e seus arquétipos, bem como sobre seu ciclo menstrual, e podem utilizar a Mandala Lunar para o autoconhecimento, colocando em prática o conhecimento adquirido sobre o corpo feminino, seu tempo, sua ciclicidade e sua conexão com o ciclo lunar.

Essas pesquisas documentais foram realizadas através do Google Acadêmico e pela utilização de livros tanto no formato físico como no formato digital, apesar do material utilizado ser encontrado principalmente em documentos digitais. A utilização dessas fontes foi feita mediante os critérios suscitados nos trabalhos que definiam metodologias para a sua análise, verificação de confiabilidade e uso de maneira correta para a construção do trabalho histórico do Tempo Presente.

A compreensão sobre a articulação dos Círculos de Mulheres e as discussões promovidas, bem como as potencialidades desses encontros aconteceu a partir da análise dos quatro vídeos do Curso de Formação - Ginecologia Natural e Autônoma: uma visão ancestral sobre os cuidados com o corpo feminino, realizado de forma remota pelo canal do Youtube Roda EuMulher. Podendo dessa maneira compreender como é possível colocar em práticas os que as teóricas analisadas explicitam. Foram postas questões a serem analisadas nos vídeos, de acordo com os objetivos traçados pelo trabalho. O Curso é a fonte primária para a pesquisa, se fazendo necessária e de extrema importância para compreensão e observação da prática.

A análise do tema em questão pode contribuir para a ampliação de debates dentro da academia sobre a importância do resgate de saberes ancestrais para análise de costumes passados, bem como do benefício desses costumes para os seres. Funciona como o meio de modificar as abordagens sobre diferentes aspectos que hoje são pensados a partir da lógica capitalista-imperialista da Europa. Utilizando os saberes renegados pela civilizações ocidentais para uma nova compreensão do mundo fora dos padrões impostos pela colonialidade, produzindo novos saberes e se reapropriando de costumes, culturas, linguagens que foram negados.

¹ Realizada no ano de 2022, na Escola Politécnica de Pernambuco - POLI/UPE, pela graduanda Danielle Goberto no evento Veredas Anticoloniais, com 5 (cinco) horas de duração em formato presencial.

No primeiro capítulo, pretende-se discutir o que são Círculos de Mulheres, suas matrizes teóricas e conceituais; como, por que e para que são pensados e realizados. As bases de seu surgimento e seu desenvolvimento no tempo, como se configura e quais as contribuições que propõe realizar. Trata também das discussões sobre a circularidade da vida, os ciclos, os usos de medicina natural, de plantas e ervas medicinais, o espaço pensado para realização dos Círculos e a realização de rituais. São discutidas as potencialidades dos Círculos, a autonomia e o autoconhecimento estimulados, além de discutir a formação desses Círculos.

Para isso, serão utilizados textos de Bolen, Faur, Machado, Cordovil, que dialogam com o que é proposto para o capítulo. Discutem, como já citado, sobre os Círculos de Mulheres, sobre o Sagrado Feminino, movimento da espiritualidade feminina, sobre o despertar e o fortalecimento da energia feminina, a crítica e ruptura de crenças limitantes.

Já no segundo capítulo, busca-se apresentar as convergências entre o movimento da espiritualidade feminina, os encontros e práticas dos Círculos com os feminismos. O ponto de encontro entre eles, o que pode influenciar um movimento no outro, além de relatar o processo de reapropriação desses corpos e corpos por parte desses movimentos de mulheres. Tem com isso, o objetivo de atender à questão de compreender de que maneira os Círculos contribuem para o empoderamento feminino e a participação das mulheres nos diferentes âmbitos. É feito então, uma análise comparativa entre as teóricas feministas que debatem sobre os processos dos movimentos feministas ao longo do tempo, e as autoras já citadas que discutem sobre o movimento do Sagrado Feminino, para compreender os pontos levantados anteriormente.

Por fim, o terceiro capítulo objetiva responder à questão proposta de investigar de que maneira as feministas operam com a interseccionalidade e a inclusão da população LGBTQIA+ nos referidos Círculos. Além disso, debater sobre os conceitos utilizados pelas teóricas feministas e os conceitos utilizados dentro do Curso de Formação em análise. Compreendendo de que maneira promove uma crítica ao patriarcado, se pode se configurar enquanto práticas decoloniais e de que maneira. Com isso, são analisadas as teóricas feministas que trabalham com conceitos ligados às questões femininas, como gênero, patriarcado, interseccionalidade,

decolonialidade e é realizada a análise do Curso de Formação para compreensão da prática e para atender às questões propostas.

2 CÍRCULOS DE MULHERES (TEORIA)

Círculos são para nós, mulheres, que ao abrir um espaço na cultura ocidental de orientação masculina nos distanciamos do nosso saber feminino e nos moldamos na forma firme, rígida, pró-ativa, linear, racional e competitiva do mundo masculino. Nos círculos integramos a força assertiva do *Yang* com o coração compassivo do *yin* no vale das possibilidades femininas. Renovamos nosso espírito e celebramos o poder da mulher que, enraizada em seus mistérios, sana sem mais demora as feridas da Terra, promove a igualdade entre os povos e a paz através da cultura. (BOLEN, 2003, p. 8)

No curso da história as mais variadas mulheres, de diferentes culturas e tradições, se reuniram em círculos, pelos mais diversos motivos encontrados. Esse costume ancestral permaneceu na atual sociedade, onde as mulheres se encontram e se reúnem em círculos em eventos sociais, a exemplo de chá de bebês, trabalhos voluntários, grupos de oração e grupos de tecelagem. E mesmo que esses encontros não tenham um objetivo espiritual e místico, foi uma forma das mulheres permanecerem ao longo da história em contato umas com as outras, para compartilharem o que o mundo masculino priva às mulheres, como nos explica Bolen.

Junto à Segunda Onda do Feminismo surgiu o movimento atual de espiritualidade feminina, com uma orientação espiritual, mas que com o passar dos anos vem se tornando também política. Esse movimento vem incentivando a formação de círculos para cerimônias, rituais pessoal e grupal, e de apoio, que se constituem como um ambiente favorável para exercer a espiritualidade e momento de partilha. Esses encontros influenciam no modo de viver de quem participa e na maneira como se olha para mundo, trazendo uma nova perspectiva sobre as diversas áreas (FAUR, 2011, p. 59).

Surge então um movimento contemporâneo que integra o ambientalismo, o feminismo, a espiritualidade feminina, o despertar da consciência, unindo as mulheres. Pode ser visto como um movimento revolucionário, não tão aparente, mas como cita Bolen, o que parece ser apenas um grupo de mulheres unidas conversando, tem, na realidade, cada mulher e cada Círculo uma contribuição para algo muito maior. Pois, “quando um número crítico de pessoas transforma sua maneira de pensar e agir, a cultura também se transforma e uma nova era se inicia” (BOLEN, 2003, p. 16)

Faur cita Cynthia Eller para afirmar que as características principais dos grupos praticantes da espiritualidade feminina são: reverenciar o princípio criador feminino, a Deusa; buscar e valorizar o empoderamento feminino; respeitar a natureza, a vida e todos os seres da criação; realizar rituais, cerimônias e práticas mágicas; incentivar o estudo histórico e mitológico, contribuir para a criação de um caminho espiritual amoroso, tolerante, inclusivo e compassivo, praticando a presença da Deusa no cotidiano e recriando o sagrado na vida pessoal e coletiva (2011, p. 55)

A autora ainda afirma que,

Coube aos círculos de mulheres uma relevante contribuição à evolução e expansão do movimento da espiritualidade feminina. Funcionando como receptáculos de energia, eles proporcionam meios para atrair e direcionar atributos espirituais e divinos para as participantes e para o mundo. Falando, ouvindo e se relacionando com mulheres - semelhantes e diferentes -, no espaço seguro do círculo, favorece-se a alquimia da transformação e elevação pessoal, encontrando-se assim a verdadeira identidade espiritual e o canal adequado para expressá-la no intuito de se fazer uma contribuição mundial.(2011, p. 55)

Um Círculo de Mulheres se configura enquanto um ambiente onde as mulheres se reúnem e praticam a troca de conhecimentos ancestrais, dentre eles a vivência da espiritualidade feminina, no culto às Deusas que eram cultuadas no mundo antigo. Essas Deusas carregam arquétipos femininos, ou seja, características que as mulheres tinham que eram demonstradas através delas. A partir dessas histórias, dos mitos e dos cultos ancestrais, as mulheres sentem-se capazes de encontrar a si e de se entender baseada nos arquétipos, assimilando e aceitando sua forma de pensar, agir, entendendo que assim é.

Algumas autoras discordam com o fato do movimento e das práticas dos Círculos praticarem, exclusivamente, ritos e cultos ligados à Deusas ocidentais, como já citamos o exemplo de Daniela Cordovil que afirma a necessidade de se pensar as espiritualidades a partir de diferentes grupos sociais e contextos históricos, pensando além do culto às deusas oriundas do contexto Europeu, se faz necessário reconhecer as religiões afro-brasileiras e neopagãs, pois estas “possuem práticas de sacralização da mulher e do feminino” (2016, p. 119).

Segundo a autora Faur, dentro dos Círculos são discutidos os ciclos naturais, como o ciclo da lua, o ciclo da vida, o ciclo da natureza, o ciclo menstrual é observado

e valorizado, levando em conta as influências desses ciclos sobre todos que habitam a terra. O respeito aos ciclos naturais permite que a vida seja levada de uma forma diferente, o círculo da vida-morte-renascimento contribui para uma visão de mundo diferente, mais ampla e respeitosa por cada fase que se passa, entendendo que a vida não funciona de forma linear, mas sim circular.

As autoras analisadas apresentam diferentes abordagens dos Círculos, Faur pontua, por exemplo, que o objetivo comum é a conexão e celebração do princípio feminino, além de se configurar enquanto um espaço seguro de apoio e incentivo do desenvolvimento e fortalecimento pessoal (2011, p. 56). Além disso, afirma que o círculo é capaz de gerar poder e fortalecer cada uma das participantes. (2011, p.59). Por fim, assegura que com a criação de círculos femininos de união e apoio desencadeiam uma mudança individual e coletiva. (2011, p.60)

Para Bolen, os círculos são capazes de transformar o patriarcado, através da “sabedoria que consegue discernir pela compaixão que está associada aos aspectos femininos da humanidade, e também pela sabedoria nativa e a correlação entre todos os seres e o planeta” (2003, p. 28). Isso acontece pois, “o planeta necessita agora é de uma infusão do tipo de sabedoria que as mulheres têm e a própria forma do Círculo é a materialização dessa sabedoria” (2003, p. 29). O Círculo gera uma experiência de aprendizado e crescimento, com a soma das experiências, sabedorias, compromisso e a coragem de cada participante. (2003, p. 28) e à medida em que levemos nossas habilidades e capacidades de relacionamentos para dentro do Círculo, a experiência do Círculo gera efeitos nas relações externas (2003, p. 32)

Para Regiane Machado, os Círculos incentivam o autocuidado quando tratam o corpo como um templo sagrado, valorizando a capacidade que esses corpos têm, praticando o autoamor em busca de um cuidado especial para o próprio corpo. Além de tornar diferente a relação das mulheres entre si, incentivando uma relação de irmandade, a qual elas não precisam disputar, mas estarem juntas e trabalharem em conjunto, beneficiando umas às outras. Contribuem para reconectar as mulheres, com o feminino e com o feminino sagrado da Deusa, gerando o questionamento sobre crenças familiares limitantes (2020, p. 2).

O Círculo não tem hierarquia, é a expressão da equidade, tem a capacidade de intensificar as cooperações e de aproximar as pessoas emocionalmente, todas têm vozes, todas são ouvidas com paciência e atenção. “O Círculo é uma forma arquetípica que parece familiar à psique da maioria das mulheres. Ele é pessoal e igualitário.” (BOLEN, 2003, p. 20), é por isso que as mulheres têm a facilidade de se organizarem dessa maneira, pois os círculos são adaptáveis a qualquer situação, as mulheres em círculos apoiam-se e se descobrem através da conversa. A experiência dos círculos pode gerar efeito nas relações externas e contribuir para alterar estruturas patriarcais.

Cada mulher é capaz de encontrar a sua própria essência, reconhecendo e superando fraquezas, desenvolvendo habilidades, tornando-se autêntica e honesta consigo, ao mesmo tempo que aceita e honra a individualidade de suas irmãs. O Círculo é igualitário de aprendizado, tem um centro espiritual e respeito pelos seus limites, é um agente transformador, funciona como um grupo de apoio, que permite a consciência do que é feito para manter um status quo e de como é possível alterá-lo.

Para as autoras aqui citadas, é possível observar que essa maneira de se organizar para encontros entre mulheres é capaz de despertar a consciência dessas mulheres para o resgate da ancestralidade que valoriza o feminino, incentivando a cooperação e equidade entre todas as pessoas, principalmente entre as mulheres, é um espaço em que as mulheres podem sentir-se seguras para se descobrirem e desabrocharem. E é possível ver também, que os Círculos trazem benefícios não só para o feminino, mas como para toda a humanidade e toda a natureza, a partir do momento que passa a respeitar tudo que faz parte da Mãe Terra. A expansão da consciência é capaz de introduzir a humanidade em uma nova era, que se despede do patriarcado e inicia um mundo com respeito a todos os seres, todos os ciclos, onde a perspectiva de mundo é circular, não mais linear, que todos ocupam um mesmo lugar, deixando para trás a hierarquia e valorizando a sabedoria e os arquétipos femininos.

2.1 FORMAÇÃO DE UM CÍRCULO

Para a formação dos Círculos de Mulheres é preciso definir algumas coisas, como quem participa, qual será a intenção do Círculo, o local em que será realizado,

o dia e a frequência. Bolen (2003) aponta para a diversidade de escolhas dentro dessas opções, ficando a cargo de quem cria o círculo ou das participantes juntas. Os Círculos de Mulheres podem ser formados com diferentes intenções, isso inclui círculos feitos para tecer colchas de retalhos ou para discussões sobre lutas sociais.

Com isso, as participantes que vão compor os círculos podem variar, bem como a maneira que chegam até o círculo e as datas e quantidades de encontros podem ser definidos a partir das necessidades e intenções desses grupos. Ainda para a autora todos os círculos têm a sua contribuição na mudança interna e externa, visto que geram aprendizados, fortalecimento e experiências a partir das trocas.

Para Faur, os círculos sagrados requerem fé, confiança, proteção e ajudas divinas. É necessária, então, estender a percepção até a Fonte Divina e a partir dela receber sabedoria e força para despertar o próprio poder interior, discernindo se os atributos necessários para a realização do Círculo vem de uma fonte espiritual e não das projeções e anseios do próprio ego. (2011, p. 95) Então, propõe que algumas questões sejam respondidas por quem toma a iniciativa (2011, pp 96-97):

- Quais são a intenção e o propósito da criação do círculo?
- Quem é a responsável ou as responsáveis pela sua formação?
- Qual é o “público-alvo” (a quem se destina o círculo)?
- O círculo será fechado desde o início da sua formação ou sempre estará aberto a novas participantes?
- Onde será o local dos encontros (temporário, fixo) e como será mantido?
- Que tipo de liderança ele terá?
- Quais os critérios para escolher a programação e definir as datas dos encontros?
- Quais temas serão estudados e que rituais serão realizados?
- Haverá alguma contribuição financeira e quem cuidará da sua cobrança e aplicação?

Para escolher o propósito do Círculo é preciso compreender e relacionar com a intenção, o desejo ou a ideia que deu origem. Definindo quem se beneficiará com a concretização dos objetivos propostos, se apenas as participantes ou se terá contribuição externa. E para que outras mulheres que compartilhem dos mesmos interesses e objetivos sintam-se motivadas a participar é preciso que a idealizadora do projeto se expresse de maneira coerente, segura e explícita. (FAUR, 2011, p.97)

Bolen, em forma de poema, assegura que o Círculo pode ter uma agenda a ser seguida ou um propósito, contendo sempre alguma razão para os encontros além de ser um círculo, ou seja, os encontros acontecem não apenas por serem em círculos, mas os círculos se formam em torno de algo que as motiva a formá-lo. Qualquer que seja o nome, a agenda ou o objetivo, se configuram enquanto agentes de mudança. (2003, pp 45-47)

As participantes podem ser convidadas por afinidade, como as próprias amigas, convite direcionado a outras mulheres, pode ser sugerido dentro de um grupo para ver quem deseja participar, pode ser feito dentro de um grupo que você já participa, pode ser realizada conferências, encontro, reunião aberta, pode ser anunciada para acessar mais pessoas (BOLEN, 2003, pp. 42-44). De acordo com essa perspectiva o tipo de público alvo é um campo diverso e que a pessoa pode definir de acordo com o que se aproxima dos objetivos dos círculos, da forma que a pessoa acredita ser melhor o convite.

Já na abordagem de Faur, ela afirma que “o propósito de um círculo sagrado é criar uma comunhão de almas em busca da sua conexão com os princípios e valores da espiritualidade feminina” (FAUR, 2011, p. 99). Devido a isso, para que o propósito de um círculo sagrado seja alcançado é preciso fazer uma entrevista com as mulheres que se candidatarem a participar, para observar se ela atinge os critérios propostos necessários para fazer os círculos acontecerem e esses critérios são definidos pela própria idealizadora (2011, p. 99).

Quanto ao local ideal para a realização desses círculos Bolen afirma

Dentro de casa, ao ar livre, em uma residência ou empresa,
em um lugar de meditação ou escritório,
em uma sala ou cozinha?
Não importa onde o Círculo se reúna mas, sim,
o fato do local poder se tornar um santuário,
um local não invadido por sons externos ou por outras pessoas,
um local “Não perturbe”,
onde as portas possam ser fechadas e o silêncio seja possível

e onde o riso solto e a alegria de um Círculo de Mulheres também não perturbe ninguém.” (2003, pp. 47-48)

Faur concorda com Bolen, quando assegura que as opções vão desde as residências das próprias participantes até locais alugados. Aponta que a definição dos locais dos encontros é determinante para a definir a estruturação do círculo e a divisão de responsabilidades. Como por exemplo, no caso da residência tem a arrumação e a limpeza, feita pela dona da residência e espaços alugados geram custos. Ela pontua também que os espaços, principalmente os mais movimentados, precisam ser purificados e consagrados para a realização do círculo. (2011, pp. 101-102)

A definição do tempo do Círculo determina quem poderá participar dos encontros, aponta Bolen, como também molda as atividades que serão realizadas. (2003, p. 48). E Faur, concorda que a frequência deverá ser escolhida de maneira que todas as participantes tenham disponibilidade (2011, p.102) Bolen comenta, inclusive, sobre a criação do que denomina de “Círculos Cibernéticos”, a exemplo do Curso de Formação que está em análise neste trabalho.

Para satisfazer nossa profunda necessidade de viver o sagrado no cotidiano e estabelecer ou reforçar nossa conexão com a Fonte Divina, resgatando a reverência e o respeito pelas múltiplas manifestações da energia espiritual, lançamos mão de rituais e cerimônias. (FAUR, 2011, p.103)

Dentro dos Círculos de Mulheres muitas práticas são realizadas, além desses rituais propostos pela Faur. O uso da medicina natural e das ervas para as mais diferentes funções também são colocadas em prática durante os Círculos. O conhecimento acerca da medicina natural é repassado através desses Círculos, chás, compressas, vaporizações, banhos, tudo que contribui para um bom funcionamento energético e orgânico que permeiam a sociedade por várias gerações, mas que há muito tempo levou algumas mulheres à fogueira (PRIORE, 2004, p.80) . O conhecimento sobre as ervas e as plantas e seus benefícios são discutidos e repassados, esse conhecimento ancestral, praticado pelas avós, pelas ancestrais, são resgatados para que possam continuar em uso beneficiando a todos que precisam recorrer à medicina natural.

Levando em consideração as duas autoras citadas, a medida que as definições dos círculos vão sendo tomadas, quando o propósito é definido, a partir disso quem

está confortável, quem deseja participar vão se alinhando, bem como o local ideal, as datas e outras definições. Dentro disso as práticas internas vão se alinhando a fim de contribuir para os objetivos traçados dentro do Círculo, que vão se configurando.

Então, os Círculos contribuem de maneiras diferentes, podendo estar estritamente ligado às questões individuais de cada uma, pode estar relacionados à práticas de cura, a rede apoio, pode ser direcionado à práticas terapêuticas, como podem se configurar enquanto um espaço de acolhimento, de comunhão, gerador de mudanças. Isso faz com que os Círculos se configurem como um meio de promover a mudança em prol ao que se deseja, praticando o respeito mútuo, a escuta, tendo espaço para falar e expor ideias, sentimentos, pensamentos.

O espaço vai se configurar em um ambiente seguro à medida que for convergindo entre as demais decisões, para que as participantes sintam-se a vontade para estar, participar ativamente, sentindo também pertencimento ao grupo. Essa é uma prática que, de fato, pode ser levada para outros espaços, se configurando não como círculos sagrados, mas como Círculo de Mulheres dependendo do propósito e contexto, mas da mesma maneira na tentativa de agir com alguma mudança, como os espaços feministas que podem ser influenciados e beneficiados pelas proposições do Círculos de Mulheres.

3 Círculo de Mulheres e o Feminismo (qual a relação?)

Os movimentos sociais das mulheres serviram como base para gerar a legitimação de diversas questões ligadas às mulheres. É possível observar que discursos ligados às lutas do movimento começam a surgir ainda no século XIX, como Sojourner Truth, abolicionista afro-americana, que participou da Convenção dos Direitos da Mulher, onde apresentou, em 1851, o discurso “E eu não sou uma mulher?” (RIBEIRO, 2021, p. 18)

Desde a segunda metade do século XIX, as mulheres brasileiras, assim como as de outras partes do mundo, se movimentavam em torno do processo de emancipação das mulheres. Essas mulheres criaram válvulas de escape para a propagação de suas ideias acerca de como deveria ser a realidade feminina em um novo desabrochar da consciência. Os jornais foram um dos principais meios utilizados para a propagação dessas ideias.

Esses jornais eram organizados por mulheres e o conteúdo deles era escrito por elas, neles podiam encontrar mulheres falando para mulheres sobre seus direitos, sobre educação, sobre independência financeira, eram também publicadas obras artísticas feitas pelas mulheres, como poesias, ou seja, além de tratar sobre as questões sociais ligadas ao sexo feminino, eram escapes para as energias criativas femininas (HAHNER, 1981, p. 58) .

Não obstante, o assunto a ser tratado nessa pesquisa não é sobre os jornais, mas sobre o processo de conscientização feminina. E, por isso, cito este período do século XIX, para trazer a ideia de que há um bom tempo as mulheres vem despertando a sua consciência para seus direitos e deveres na sociedade, rompendo com a construção da cultura e da sociedade com bases no patriarcado. A luta, a coligação feminina, os círculos de mulheres promovidos para as mais diversas funcionalidades, não são do século em curso, mas de um tempo longínquo, uma luta que se espraia por séculos.

Com essa noção, podemos perceber que o feminismo, ou melhor os feminismos, surgem por volta do período citado, a busca pela emancipação da mulher, seus direitos, a sua educação, a abertura do mercado de trabalho para receber a mão

de obra feminina, a independência financeira das mulheres, a valorização de suas obras artísticas mais variadas, o enaltecimento das vozes femininas, a inversão das crenças tradicionais em relação às diferenças entre homens e mulheres, são pautas discutidas desde o dezenove. De acordo com Hahner, as mulheres que defendiam essas pautas no século XIX acreditavam que o progresso de uma nação estava intrinsecamente ligado à participação ativa das mulheres na sociedade e na ocupação de seus lugares de direito no mundo (1981, p. 57).

O feminismo se desenvolve, no Brasil, por todo o século XX com as lutas já citadas pelo empoderamento da mulher e maior participação dela na sociedade. Precisamos deixar explícito que existe uma disparidade entre mulheres brancas e mulheres negras, pois o contexto sociocultural e econômico a que elas estão submetidas, principalmente as mulheres brancas da elite, são diferentes e as suas pautas acabam por acompanhar essas diferenças.

No período da Ditadura Militar, os movimentos sociais sofreram tentativas de silenciamento, bem como a submissão à censura. Já no fim desse período e com o processo de redemocratização, os movimentos sociais emergem com mais forças e mais vozes, podemos observar as pautas do movimento negro e do feminismo negro e o surgimento dos Círculos de Mulheres, entre outros movimentos que surgem no período citado.

Em 1970, os feminismos estão ressurgindo e se fortalecendo na América Latina, após esse período os estudos ligados às questões femininas vão se ampliando progressivamente. Se desenvolvem baseados nos feminismos e com o objetivo de "recuperar a presença das mulheres na história e no mundo social, e de suplantar o viés sexual imperante nas diferentes abordagens científicas" (COSTA, 1988, p. 64).

Ao mesmo tempo, alguns grupos de mulheres começaram a ser formados para discutir questões femininas, esses grupos se baseavam nos movimentos feministas do hemisfério norte, como aponta Pinto (2003, p.49). As brasileiras exiladas também criaram grupos no exterior, um deles se chamava "Círculos de Mulheres Brasileiras", foram criados com o objetivo de discutir e defender suas pautas, faziam assembleias, jornais, panfletos e se posicionavam contra as ditaduras e torturas. Dentro do Círculos,

existiam grupos de consciência que pretendiam aproximar as mulheres criando laços de solidariedade por meio da reflexão (PEDRO, 2007, p.65).

Algumas mulheres começam, em meio a esses processos, buscar amparo religioso que valorizasse os aspectos rejeitados pelo patriarcado, bem como fortalecesse a expressão do poder espiritual feminino (FAUR, 2011, p. 42). Há uma ampliação e novas descobertas arqueológicas que começam a subverter conhecimentos como o já citado fato de artefatos, estatuetas que demonstrem mulheres aparentemente grávidas em templos, que demonstra culto à alguma divindade feminilizada, bem como achados que provam que as mulheres provinham o alimento dos grupos. (GERDA, Lerner, 2019, p. 189)

Começa a surgir uma nova espiritualidade feminina, pois

seria um momento em que a humanidade chega aos limites da mentalidade patriarcal, centrada na supremacia do masculino, percebido enquanto responsável pela conquista predadora do meio ambiente e de outros grupos humanos.(CORDOVIL, 2016, p. 432)

Del priore aponta que "as mulheres dominavam os saberes de cuidados naturais, os saberes e os costumes vão sendo passados pela oralidade, por gerações" (2004, p. 81). ou seja, é possível perceber as descobertas da participação da mulher na manutenção da sociedade. Os Círculos de Mulheres nascem com o objetivo de reunir as mulheres para o resgate da sabedoria ancestral, esse saber informal, que segundo Del Priore (2004, p.81), é transmitido de mãe para filha, o que garante a sobrevivência dos costumes das tradições femininas.

A transmissão desse saber havia se perdido um pouco com o passar dos anos e as modificações sociais, históricas, culturais e econômicas que eram vivenciadas pela sociedade. Os Círculos surgem não só para a reconexão dessa sabedoria, como também para o culto à Grande Mãe. Os breves relatos deixados pelos ancestrais, permite observar que, antes do sistema patriarcal dominar as sociedades como um todo, eles cultuavam a Deusa. A mulher, a terra e a lua, eram cultuadas e valorizadas, consideradas como símbolo da fertilidade e da vida e tinham seus ciclos respeitados.

Como afirma Faur, as práticas realizadas dentro dos Círculos de Mulheres representam, ainda hoje, a resistência das mulheres frente a todo silenciamento e

desumanização ao qual foram submetidas por milênios. Também permitem a transgressão dos costumes atuais, contribuindo e fortalecendo a união das mulheres, o que desperta um sentimento de irmandade, trabalhando a observação e a perspectiva interna dessas mulheres, que valoriza ao mesmo tempo a colaboração e coletividade, além de facilitar o processo de autoconhecimento, de autopercepção, a autonomia do corpo e da mulher na sociedade, favorecendo a confiança, o autocuidado e o autoamor.

E tudo isso partindo de dentro para fora, a cura interna da mulher da nossa sociedade, que adoece com o machismo tóxico, curando toda sua ancestralidade, bem como modificando sua relação com a estrutura social. Ambos os movimentos, feminismos e Círculos de Mulheres, tem como objetivo o empoderamento da mulher. East comenta que o movimento das mulheres surge por meio dessas duas vertentes principais e contribui para uma significativa mudança na consciência feminina.

Uma vertente, o feminismo político, inspirado pelo insight crucial de que o feminismo pessoal é político. O Yang do Yin. A outra vertente da espiritualidade feminina, yin do yin, que invoca o retorno da Deusa e reconecta a mulher moderna com a herança dos mistérios sagrados femininos. (EAST, 2003, p. 11)

Esses movimentos caminham simultaneamente, mas de maneira independente e muitas vezes de modo polarizado, as mulheres ativas politicamente consideravam os movimentos ligados à espiritualidade como movimentos pessoais e de pouca significância para a modificação social. Enquanto as mulheres que estavam submersas nas práticas espirituais, faziam a busca pela sua jornada interna sem assimilar o fato da necessidade de modificação da sociedade. Enquanto o feminismo se configurava enquanto uma luta social que sustentava as bandeiras da igualdade de gênero, o movimento da espiritualidade feminina configurava uma busca pessoal de reconexão com o feminino (BOLEN, 2011, p. 10) .

É possível observar que na atualidade as duas vertentes encontram-se interligadas, a noção sobre elas modificou-se com o tempo, bem como as práticas e pensamentos dentro dessas vertentes. Os movimentos de mulheres citados tornaram-se complementares, as mulheres ligadas à espiritualidade começaram a abraçar as pautas sociais feministas e as mulheres ativas politicamente iniciaram a busca pela espiritualidade feminina. Enquanto o feminismo representa a luta, a externalização

das necessidades das mulheres na sociedade, as práticas espirituais femininas representam a cura, a internalização, a aceitação e a compreensão do Ser Mulher, o que permite a modificação do interno para o externo.

Quando criamos espaços de união entre as mulheres, onde possam ouvir, testemunhar, aprender com as experiências, compartilhar, apoiar umas às outras e se descobrirem é um ato de transgressão do sistema patriarcal. Observar, acompanhar e respeitar os ciclos dos corpos femininos, e outros citados, é tomar consciência dos processos pessoais e do sistema que a faz esconder-se e negligenciar-se. Espaços que permitam entender e aceitar a sua própria sexualidade, permite o autoconhecimento e a posse de si. Podemos dizer que,

A aliança entre o movimento do sagrado feminino ao empoderamento da mulher no movimento feminista é o casamento perfeito, tendo em vista que, enquanto o primeiro busca o desenvolvimento interno, o segundo busca empoderar a mulher na luta dos seus direitos e de seu papel na sociedade. (MACHADO, 2020, p. 2)

modificando internamente a mulher e externamente a sociedade.

Os Círculos de Mulheres são formados um a um. Cada Círculo expande, para mais mulheres, a experiência de pertencer a um deles. Cada mulher, em cada círculo, que se transforma através de sua experiência nele, leva estas mudanças para outras relações. Até que, em um determinado dia, um novo Círculo de formar e ele será o Milionésimo Círculo - aquele que faz a diferença - e nos levará a uma era pós-patriarcal. (BOLEN, 2003, p. 36)

Podemos concluir que os Círculos de Mulheres e o feminismo atualmente, se complementam e contribuem em conjunto para uma mudança da compreensão feminina e da relação da mulher consigo mesma, com a outra irmã e com o mundo a sua volta. É uma conexão que permite a modificação interna e externa, permite a construção do Ser Mulher para si e para a sociedade, modificando toda a relação social. Essa complementação desperta a consciência feminina e masculina para a construção de uma nova ordem mundial, cultural, econômica e socialmente modificada, fazendo romper com as estruturas patriarcais a qual a sociedade mundial está submetida há milênios.

Se faz necessário por fim ressaltar que apesar de convergir dentro de ideais, é preciso tomar cuidado com o esvaziamento do discurso político. Os Círculos de Mulheres podem gerar benefícios em diversos meios aplicados, como nos espaços feministas, mas não se pode retirar desses espaços as discussões e pautas que são

de caráter e de mudança social. O trabalho de autoconhecimento, a união das mulheres, contribui para uma mudança de paradigma na visão da mulher sobre os relacionamentos com as demais mulheres, e com os homens também.

Essa mudança de paradigma sobre os cuidados com os corpos e corpos, a irmandade incentivada nos círculos, a quebra da visão sistêmica do básico que contamina e influencia para uma visão negativa acerca dos debates é uma forma de empoderar as mulheres, modificando sua visão sobre si e sobre o mundo. A autonomia incentivada sobre controle e cuidado com o próprio corpo é uma maneira de empoderar a mulher, que passa a ter controle sobre si e seu corpo.

O respeito ao lugar de fala, praticado dentro dos Círculos também são motivos para empoderar, quando as mulheres se posicionam sem se sentirem julgadas, subjugadas ou menosprezadas. A mudança gerada dentro do Círculo pode ser colocada em prática no externo, contribuindo para a mudança da visão da mulher, bem como de sua participação nos diversos âmbitos da vida social, luta essa que os feminismos e a espiritualidade feminina travam juntas.

4 Práticas do Círculos de Mulheres: Ginecologia Natural e Autônoma

Vocês podem ver como um problema da nossa cultura que o que se costuma chamar de “genitália feminina” seja algo ignorado e motivo de vergonha... algo de que não se deve falar... e que em geral é silenciado, abafado, tido como vergonhoso... e que nem nome próprio tem! Vocês talvez pensem que isso tem a ver com o poder dos homens na sociedade e como eles, de diversas maneiras, criaram uma cultura de constrangimento e segredo!!! Mas NOSSA CULTURA tem um PROBLEMA MUITO, mas MUITO maior e MAIS SÉRIO! O problema dos homens que se intrometeram de maneira EXAGERADA em assuntos relacionados ao que se costuma chamar de “genitália feminina”! (STRÖMQUIST, 2018, p. 5)

A ciência médica foi fundada e construída a partir da apropriação dos saberes das próprias mulheres em relação aos cuidados com seus corpos e corpas, como cita De Paula (2021) no vídeo do módulo 4 do Curso de Formação do Roda EuMulher. Baseado nessa afirmativa, é possível compreender que houve um processo histórico em torno da construção da definição do corpo feminino, bem como das doenças às quais esses corpos e corpas são atingidos e a forma de tratá-las. Como busca mostrar Strömquist, esse processo foi realizado por meio da observação e experimentação em corpos femininos e, principalmente, em corpos negros femininos, sendo as mulheres negras muitas vezes utilizadas, as mais utilizadas, para essas experiências de extrema invasão, apropriação e interdição.

O presente texto terá como principal foco a análise do “Curso de Formação - Ginecologia Natural e Autônoma: uma visão ancestral sobre os cuidados com o corpo feminino” para compreender a apropriação dos saberes dos povos ancestrais (africanos) e originários (indígenas) sobre os cuidados com esses corpos e corpas perseguidos/das e violentados/as e suas potencialidades. A formação foi apresentada pela Roda EuMulher, realizada durante a pandemia em 2021, uma iniciativa contemplada no edital de Formação e Pesquisa da lei Aldir Blanc, com financiamento público.

A Roda EuMulher foi realizada no formato remoto, com transmissão pelo Youtube, nos dias 26 de fevereiro, 5, 12 e 19 de março de 2020, e ficou disponível para visualização na plataforma Youtube a qual se encontra outros vídeos

relacionados ao tema do Sagrado Feminino. Para a obtenção dos certificados de participação do curso de formação foram realizadas as inscrições por meio de formulário da plataforma Google, bem como as listas de presença nos encontros. Foram feitos quatro encontros divididos em diferentes módulos e cada módulo teve diferentes participantes que apresentaram sobre o tema do módulo em questão.

O curso surge com a necessidade de discutir as questões femininas e de gênero, a partir da perspectiva da Ginecologia Natural, que está em análise neste texto. Tem o objetivo de incentivar uma rede de diálogos, promovendo conhecimento sobre várias temáticas femininas, ligadas às questões culturais, patrimoniais, sociais, alimentares, da saúde e do autocuidado, como cita a organizadora da Roda, Liv Monteiro (2021). A maioria das participantes conhece e estão aprofundando os conhecimentos do universo da Ginecologia Natural e Autônoma, por compreender que é um movimento que recorre a natureza, busca formas menos invasivas de cuidado e valoriza a autonomia das mulheres sobre o próprio corpo.

Essa é uma das maneiras que os Círculos de Mulheres podem contribuir para romper com o sistema patriarcal. O conceito de patriarcado é diverso e amplo no campo dos estudos feministas, mas a maioria das teóricas feministas relacionam o termo com a dominação masculina, com a opressão das mulheres, com a falocracia, o androcentrismo e as relações de gênero. Neste texto será trabalhado o conceito de patriarcado como “a sujeição das mulheres e o direito político que os homens exercem por serem homens” (AZEVEDO, 2017, p.16), ou seja, a dominação das mulheres pelos homens, que é a todo momento reafirmada pela cultura, esse conceito também se aproxima do que é discutido no curso de formação em análise.

A formação teve a participação de 12 (doze) mulheres potentes, feministas, sendo duas formadoras e uma debatedora em cada módulo, que trabalharam a partir de seus lugares de fala, deixando nítido esse lugar ocupado, com suas interseccionalidades e diferentes contribuições. “Ginecologia Natural, Autocuidado Feminino e Ancestralidade” foi o tema do Módulo 1. Durante esse módulo, as formadoras foram Hilda Torres, de Recife, Mayza Dias, recifense e a debatedora Neta, mulher trans, do Ceará. O módulo teve como objetivo discutir a transformação do pensamento através do resgate da ancestralidade por meio da Ginecologia Natural e de que maneira isso contribui para o autocuidado feminino e apropriação do próprio corpo.

No Módulo 2, o tema discutido foi “Ginecologia Natural e Saberes Indígenas”. Neste módulo foi discutido a relação entre os saberes indígenas e a Ginecologia Natural, trazendo a importância do que é o natural e como a gente pode trazer a natureza, as plantas medicinais, as ervas, como aliadas e também como obter uma forma menos invasiva para buscar métodos curativos. As formadoras desse módulo foram a Dijé Tremembé, do Povo Tremembé de Almofala, a Sandrienne Lourenço do Povo Pankará, por fim, a debatedora Socorro Jucá, que é liderança do Povo Kapinawá da aldeia Malhador, localizada em Buíque/PE.

O terceiro Módulo teve como título e tema “O Corpo x Meio Ambiente x Meio Social x Alimentação”, nesse a Danieli Martins, recifense e a Luiza Cavalcante, que é gestora do Sítio Ágatha situado no assentamento Chico Mendes I, em Tracunhaém, Mata Norte de Pernambuco, foram as formadoras, a debatedora foi Magda Santiago, de Recife. O que foi falado se relaciona com a importância de entender as relações que existem entre os seres humanos, da relação dos seres humanos com o meio ambiente e com os outros seres, entendendo os modos de existir e resistir.

No último módulo foi trabalhado a “Ginecologia Natural e Promoção à Saúde e Cultura: Qual relação?”, teve a Marta Aurélio, artista, que fez uma apresentação cultural e artística, também uma meditação. A Karuna de Paula, de Recife, e a Gabriela Imelk, de Olinda, foram as formadoras do módulo, por fim, a Neta volta para o debate do último encontro. Esse módulo teve como objetivo trabalhar a relação entre a cultura, saber, corpo e poder, relatando a relação, principalmente, entre o corpo e o poder, além da apropriação dos corpos e corpas das mulheres.

A formação proporcionou muitas trocas de saberes e muito conhecimento para quem participou e para quem assistiu, muitas coisas poderiam ser analisadas a partir desses encontros.

4.1 - Quem compõe o Curso de Formação²

Liv Monteiro foi a Guardiã da Roda, ela se autodefine como Terapeuta do Feminino e Produtora Cultural, é também bióloga e educadora. Se dedica à produção cultural sobre o universo feminino, principalmente no fomento às ações educativo-culturais e projetos voltados à formação de mulheres na atenção à saúde integral e ao autocuidado. Atua em um movimento mundial de mulheres baseado na “Ginecologia Natural”, que se fundamenta em saberes, conhecimentos e práticas ancestrais de autocuidado, possibilita o conhecimento acerca de como a natureza pode oferecer a cura às mulheres. É idealizadora e produtora dos Projetos “RODA EU MULHER” e “EU MENARCA” e como produtora, já realizou inúmeros encontros, eventos oficinas, palestras e vivências nas cidades de Olinda e Recife, Manaus, Fortaleza e Vale da Lua (município de Cabo de Santo Agostinho)³.

A primeira formadora é Hilda Torres, atriz, diretora teatral e psicóloga. Tem experiência com direção cênica, criação textual e intervenções artísticas performáticas. Leva o universo feminino para seu trabalho, em um processo de transformação da vida através dos palcos. Fez parte de diversos elencos de teatro, publicidade, atua como atriz, diretora e dramaturga em peças teatrais com foco em gênero: “Mulheres em V” (teatro de rua), “Essa febre que não passa”, solo “Autônoma”, “(In)cômodos”, “Soledad - a terra é fogo sob os nossos pés” e os cinco espetáculos que resultaram da Oficina de Teatro para Mulheres, “Revoada – um voo coletivo”, “Placenta – o que está por vir” e “BruxaRria – entre o Lírio e o Delírio”; “Um Outra Você”, “Um Tango Entre Elas”. Idealizadora da Mostra Rosa dos Ventres – mulheres em cena 2019/2020. É psicóloga, formada pela Faculdade Esuda em psicologia clínica com abordagem em fenomenologia. Atualmente faz especialização em análise clínica com foco em bioenergética pelo Libertas; sócia da Revoar – acolhimento e criatividade, faz atendimento psicoterapêutico e trabalha com vivências terapêuticas em projetos sociais como o “Mãe Coruja – Mãe sim, mulher sempre”, “Roda

² As informações presentes no seguinte subtópico foram extraídas das apresentações durante o curso de formação, bem como do material de apoio disponibilizado pelo curso.

³ Informações extraídas das redes sociais de Liv Monteiro.

Terapêutica - Mãe, deixa eu te ninar” e “Acolhimento em Grupo – Cuidar da Cuidadora”.

A segunda formadora do módulo 1 é Mayza Dias de Toledo, se autodenomina estudiosa do Xibiu - nome popular pernambucano designado para a vulva, é pedagoga de formação, feminista libertária antirracista, professora da Saúde da Mulher, teatróloga e doula. Especialista em Autoproteção Feminista, promovendo cursos e oficinas de autodefesa pelo Brasil. É professora convidada da Pós-graduação em Ginecologia Natural, pós-graduada em Ginecologia Natural. Terapeuta Ginecológica, com base em Práticas Integrativas Complementares na Atenção Primária à Saúde que está dentro da Atenção Primária à Saúde prevista pelo SUS. Desde 2009 realiza oficinas de sexualidade com foco em Ginecologia Autônoma e Política. Integra o Coletivo Flor do Mangue Recife e Associação de Mulheres TPM @tpmtodasparaomar. É cocriadora da Sementeira: capacitação em ginecologia livre e saúde da mulher. Organiza mutirões de autocuidado feminista. Foi colaboradora do programa TPM na rádio Frei Caneca FM em Recife. Participa dos encontros de troca de saberes na caatinga. Como Moon Mother®, integra a rede internacional Sagrado Feminino (Miranda Gray).

A debatedora do módulo 1 e do módulo 4 é José Honorato de Batista Neta, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará/UECE, militante pela União de Negras e Negros Pela Igualdade (UNEGRO) e integrante do Coletivo Paulo Freire de Educação Popular. Faz parte do Viva Palavra e do movimento Trans Resistência, participa de outros movimentos sociais, contribuindo em diferentes frentes de luta. Educadora popular e social, poeta e performer, atua nas áreas de Teatro e Dança, desempenhando atualmente a função de Conselheira no Conselho Cearense dos Direitos da Mulher e no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Fortaleza.

Dijé como é mais conhecida Maria de Jesus Sobrinho, é indígena do povo Tremembé de Almofala, distrito do município de Itarema, litoral oeste do Estado do Ceará, foi uma das formadoras do segundo módulo. É parteira e agente de saúde indígena. Mãe de cinco filhos nascidos de oito partos normais, dos quais dois foram ela mesma que fez. Vem de uma linhagem de parteiras de Tremembé, que seguiram

a tradição de sua bisavó, domina conhecimentos tradicionais de cura, como garrafadas, cozimentos, chás e banhos de ervas, que são utilizados pelo seu povo na promoção da saúde coletiva. Acompanha as gestações e os partos, nas casas ou hospitais, quando necessário. Se considera adepta do riso, da comunicação e da alegria para o bem-viver, estimula o autoconhecimento e valorização do corpo feminino e da sabedoria própria das mulheres através de seus trabalhos.

Sandriane Lourenço foi a outra formadora do módulo dois, é educadora social e professora na Escola Estadual Indígena Luiz Pereira Leal, localizada na Aldeia Serrote dos Campos, no município de Itacuruba, Pernambuco. É liderança tribal entre seu povo, atua como coordenadora do grupo jovem OJIPA (Organização da Juventude Indígena Pankará), é membra da COJIPE (Comissão da Juventude Indígena de Pernambuco) e está inserida no FOJUPE (Fórum de Juventude Indígena de Pernambuco). É presidenta do Conselho Municipal de Saúde do Município, também é vice-presidenta do Conselho de Saúde da Aldeia Serrote dos Campos de Itacuruba. Atua em alguns centros de diálogos e participa de debates relacionados à construção e instalação de Usinas Nucleares ao longo do Rio São Francisco, às políticas públicas de preservação do patrimônio cultural e memória, enfatizando o papel e importância dos direitos territoriais, reconhecimento da diversidade cultural brasileira e do legado dos povos indígenas à nação.

Maria do Socorro França de Siqueira, mais conhecida como Socorro Jucá, é a debatedora do módulo dois. É liderança indígena do povo Kapinawá da aldeia Malhador, localizada em Buíque/PE. Professora estadual aposentada, possui formação Técnica em Gestão Escolar pela Escola Técnica Estadual Professor Agamenon Magalhães, com experiência e especialização em Educação Escolar Indígena pela Unidade de Desenvolvimento de Ensino – UDE, atua em diferentes âmbitos das escolas indígenas em seu povo, na gestão escolar, educação popular e pesquisa participativa, com foco especial e dedicação a participação em movimentos sociais de mulheres e de Direitos Humanos. Atualmente, realiza projetos e compõe o Instituto Candeeiro, de Cultura, Educação e Direitos Humanos, fundado em 2019 e do qual foi sócia-fundadora e é pesquisadora do projeto “Respostas indígenas à pandemia de Covid-19: arranjos sociais e saúde global”, pesquisa financiada pelo

UKRI MRC/Global Effort on Covid-19 (Pesquisa e Inovação no Reino Unido - Conselho Médico em Pesquisa/Esforço Global em relação à Covid-19).

No módulo 3, a formadora Luiza Cavalcante traz diversas representações consigo, bem como as demais, é mãe, avó, agricultora agroecológica e educadora popular. Articulada na AMNB (Articulação de Mulheres Negras Brasileiras), REGA-NE (Rede de Grupos de Agroecologia do Nordeste), Instituto Candeeiro e no GT Mulheres da ANA. É integrante e gestora da Associação Sítio Ágatha - Espaço matriarcal de vivências e trocas agroecológicas, antirracistas situado no Assentamento Chico Mendes I, Tracunhaém, Mata Norte de Pernambuco, que é herança de seus ancestrais

Danieli Martins também é formadora deste módulo, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (2009). É especialista em Contação de histórias e Literatura Infantil Juvenil pela Faculdade de Ampére (2014). Possui especialização em Música para professores do Ensino Fundamental pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2017). Possui capacitação e Aprofundamento em Ginecologia Natural pela Naya Terapias Ayurvédicas (2017). Criadora e gestora da Espiral Cuidados Naturais. Pesquisa sobre os saberes tradicionais e agroecológicos, usos e preparos fitoterápicos. Atua como educadora popular em saúde autônoma da mulher. É integrante da Associação de Mulheres TPM, com sede em Maracaípe, e da Rede Aroeiras (Saúde da mulher do campo e da cidade).

Magda Santiago é educadora Popular e ativista cultural, moradora da Comunidade de Passarinho (Recife-PE) e tem grande atuação na agricultura urbana. É terapeuta holística, reikiana no Sistema Usui de cura natural, realiza massagem intuitiva e atua como condutora e guardiã de Círculos Femininos.

Karuna de Paula é formadora do último módulo, é terapeuta floral, mãe, pesquisadora e escritora. Atua como produtora cultural, elaborando, administrando e executando projetos culturais nas áreas de cinema, música, literatura, teatro, cultura popular, artes visuais e patrimônio cultural. É pesquisadora nas áreas de história, antropologia e artes, possuindo licenciatura em História, com mestrado em História Cultural pela UFPE. Promoveu alguns projetos como o Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife (2013 e 2015); Espetáculo de Teatro "Soledad" - a terra é fogo

sob os nossos pés (2015); Shows de Renata Rosa e Emily Loizeau na Mimo (Olinda) e SESC - Pompéia (2014).

Gabriela Imelk é formada em Jornalismo pela PUC-Rio, começou sua carreira como assessora de imprensa. Atua como produtora cultural, curadora e comunicadora em projetos de diversas linguagens, como audiovisual, teatro, dança, artes visuais e obras multi-linguagem. Atualmente é colaboradora da empresa social AfroeducAção, que age na esfera antirracista através da educomunicação, compõe a equipe do Instituto Terra Verde, que atua pela garantia de direitos e valorização da cultura indígena brasileira e integra a produção dos projetos em curso na Casa Balea (Olinda/PE) contemplados pela Lei Aldir Blanc.

4.2 - Operando com a interseccionalidade

A interseccionalidade refere-se ao reconhecimento da diferença entre categorias cruzadas, onde raça e gênero, por exemplo, apresentam-se como eixos de subordinação que em algum momento se separam, com algum nível de autonomia, mas que estão interseccionados. (CURIEL, Ochy, 2020, p.154)

Durante o Curso de Formação, muitos conceitos são utilizados, cada uma das formadoras e debatedoras traz bastante conhecimentos, promovendo uma troca de saberes ao mesmo tempo em que aborda conceitos importantes para a luta pela vida das mulheres. Esses conceitos, como já citado, estão correlacionadas entre si, com as pautas das lutas feminista, ao mesmo tempo em que estão com as teóricas feministas.

Não quer dizer que a conceituação feita pelas formadoras e apresentados no presente trabalho sejam consideradas como verdade ou que todas as feministas teóricas, dos movimentos e da espiritualidade feminina também estejam de acordo. A intenção é mostrar que os termos são utilizados na busca da quebra de paradigmas, sem definir um conceito acabado. A análise sobre as interseccionalidades se faz importante pois, como cita Akotirene

Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. (2019, p. 14)

A discussão em torno de lugar de fala, gênero, corpo, sexualidade e política permeia os movimentos feministas e são consideradas questões que envolvem o

feminino e que por meio delas se aprisionam-o. Acontece de maneira a buscar as raízes e manutenção da opressão sobre as mulheres. Destaquemos, mais uma vez, que não são exclusivamente essas questões. Raça, sexo, sexualidade, classe, geopolítica, gênero são “estradas que se cruzam” como pontua Curiel (2020, p. 154)

A interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem. (AKOTIRENE, Carla, 2019, p. 24)

A necessidade de compreender que não existe um só motivo para toda a opressão em alguns corpos escolhidos, se dá, pois, é necessário enxergar a ampla rede transdisciplinar que envolve os sistemas de dominação e exploração que são garantidos pela colonialidade. A rede que auto sustenta o sistema patriarcal-capitalista-racista. É possível concordar com Guerrero quando cita que

la colonialidad se refiere a un proceso de dominación que no ha concluido, que se inició con la conquista y permanece vigente. Es una realidad de dominación y dependencia a escala planetaria y universal, que sobrepasó el período colonial, se mantuvo en el periodo de surgimiento de los Estados nacionales y continúa operando en la actualidad con el capitalismo global-imperial. (2010, p.7)

O mapeamento da rede de exploração e dominação, a conceituação e discussão sobre as questões femininas também acontecem dentro dos Círculos de Mulheres, ao mesmo tempo em que ocorre o debate e a prática do autocuidado, isso torna praticável a quebra de paradigmas. Ou, mais uma vez, como denomina Guerrero (2010, p.7), a decolonização que procura

transformar las dimensiones estructurales y materiales del poder y sus instituciones y aparatos de dominación, como buscaba la colonización, sino, sobre todo, enfrentar la colonialidad del saber y del ser, y transformar de manera radical las subjetividades, los imaginarios y las sensibilidades. Por eso hace de la existencia su horizonte, para lograr la recuperación de la humanidad y de la dignidad negadas por la colonialidad. La decolonialidad se plantea la lucha por un horizonte otro de civilización y de existencia.

O movimento do Sagrado Feminino junto aos Círculos de Mulheres e às práticas da Ginecologia Natural e Autônoma fazem a retomada dos saberes ancestrais, como já citada anteriormente, principalmente em relação aos cuidados com o corpo. O surgimento destes é também contemporâneo aos movimentos de

resgate de formas de existência mais orgânicas, com um olhar atencioso para a ideia de saúde e sustentabilidade. (IMELK, 2021)

Para fugir da lógica patriarcal-capitalista-racista é preciso compreender que somos indivíduos e precisamos nos cuidar enquanto indivíduos, sem esquecer que não há existência isolada, pois cada indivíduo está sempre inserido dentro de uma coletividade (IMELK, 2021). É preciso pensar nos corpos das mulheres, o poder que esses corpos possuem, bem como nas diversas apropriações que são feitas sobre esses corpos e dos saberes sobre esses corpos (DE PAULA, 2021). A Ginecologia Natural e Autônoma enquanto práxis da cultura feminista tem a capacidade de gerar uma revolução das mulheres em relação aos saberes e aos cuidados com os corpos e corpos. (DE PAULA, 2021).

Os pontos a serem analisados agora são o lugar de fala e de que maneira esse lugar e o reconhecimento dele contribui para a compreensão das interseccionalidade que atravessam as mulheres, de que maneira é discutido e abordado as questões raciais, como é pensada a ancestralidade e de que maneira o olhar para essa ancestralidade contribui para as mulheres.

Durante toda a transmissão da Roda, as mulheres são apresentadas e elas se apresentam, citam seus nomes, de onde vêm e de que maneira elas contribuem para a sociedade, antes de começar a falar dos temas propostos em si. Isso se configura como uma prática ideal para que se compreenda de que lugar aquela mulher fala, essa definição é importante, pois “falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica nem sequer se pensem.” (RIBEIRO, 2021, p.83). Entender o lugar de onde se fala é indispensável para que se pense sobre as hierarquias, as questões de desigualdades, pobreza, racismo e sexismo.

Além disso, as mulheres que participam da Roda são marcadas pelas interseccionalidades, o que representa a diversidade presente na sociedade brasileira. Essa é uma das formas que os Círculos de Mulheres se distanciam do sistema patriarcal, da ideia hegemônica e das hierarquias. Respeitando as diferenças e o lugar de fala de cada uma delas, inclusive, ressaltando esse lugar de fala, “ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão

universal.” (RIBEIRO, 2021, p.60). O Sagrado Feminino opera com as experiências, com o conhecimento ancestral, renegado pelo patriarcado, os conhecimentos passados por meio da oralidade foram descartados, agora vêm sendo resgatados, valorizando, buscando a ancestralidade feminina branca, negra e indígena.

No Curso são apresentadas lideranças indígenas femininas e mulheres matriarcas negras, que acrescentam com seus conhecimentos a partir de seus lugares e suas vivências, mostrando as visões ancestrais sobre os cuidados com o corpo feminino. A partir do momento que há uma diversidade de perspectivas e discursos participando da construção de conhecimento e da troca de saberes sobre os cuidados, há uma quebra do discurso hegemônico, que permite a compreensão de que as mulheres negras e indígenas fazem parte da construção dos costumes, da cultura, da espiritualidade, não como agentes passivos, mas como agentes ativos.

Os povos originários são guardiãs das florestas, da natureza, dos cuidados naturais, da transmissão do saber por meio da oralidade. As mulheres afrodescendentes, como diz Luiza Cavalcante (2021), se reinventam dentro de suas realidades com o auxílio das memórias dos cuidados, do conhecimento ancestral, das trocas de conhecimentos entre as mulheres negras. Uma roda que permita que todas tenham vozes é um local contra-hegemônico, que rompe os silêncios, combate opressões, rompe a hierarquia, permite pensar-se, definir-se e ser. Não aceita a imposição da dualidade, do discurso hegemônico e da supremacia de raça, gênero e de discurso.

Essas mulheres contribuem para o debate de maneira que seus conhecimentos vão sendo apresentados juntos às críticas da necessidade de reorganização do meio social para os seres humanos, principalmente para as mulheres negras. Bem como a importância do alimento para sustentação do corpo, em destaque da mulher negra, a compreensão do bem viver a partir do corpo preto, o cuidado com a natureza, a necessidade do autoconhecimento e da conexão com a natureza para a cura. É necessário reavaliar as práticas diárias, romper com a ideia de que é preciso ter para ser, pois não há uma necessidade de consumir tudo o que foi inventado, que muitas vezes o que vem da natureza tem um poder maior de atuar naquilo que se necessita.

O cuidado e a coletividade nas comunidades surgem a partir de costumes ancestrais, como já citado no trabalho, o movimento da espiritualidade feminina faz a conexão com os saberes e costumes ancestrais para a modificação interna e externa da mulher, sua compreensão sobre si e sobre o mundo. Os conhecimentos utilizados na Ginecologia Natural se baseiam nas práticas ancestrais, nos cuidados que foram repassados pela memória, utilizando de chás, banhos de assento, vaporizações, com ervas, plantas medicinais.

Os indígenas aprendem bastante com os ancestrais sobre história e medicina, praticam a escuta, consideram os mais velhos, fonte de sabedoria. O olhar para trás, para os cuidados naturais e menos invasivos, a liberdade e autonomia da mulher para se conhecer e saber os remédios que pode obter da natureza é a maneira como opera a Ginecologia Natural. O que se compreende a partir da ancestralidade contribui para um processo de reflexão sobre as próprias ações, sobre a forma que se cuida do outro e que cuida de si, de que maneira pode se recorrer a esse cuidado.

A partir da análise apresentada é possível compreender que as rodas têm potencialidades, ao trabalhar com a inserção das perspectivas que fogem da definição binária, a diversidade dos feminismos que se apresentam, a quebra do discurso hegemônico, a valorização dos saberes passados pela oralidade, o incentivo a autonomia feminina sobre o próprio corpo e os cuidados sobre ele. Dessa maneira, ao analisar na prática o que os Círculos de Mulheres propõem, se pode observar que tem um grande potencial, com diversas maneiras de romper com o controle dos homens sobre as mulheres, nas diversas esferas abordadas aqui. Como já citado, o que pode aparentar ser um despretenso grupo de mulheres que estão apenas conversando, tem cada mulher e cada Círculo uma contribuição para algo muito maior.

O gênero é citado algumas várias vezes durante o Curso de Formação, pois, como aponta Dias(2021), o mundo não é a princípio binário, as energias transitam, os elementos da natureza transitam. A noção do binarismo, que escraviza os sujeitos LGBTQIAP+, nasce a partir da cultura ocidental, em que a questão não está na diferença e sim na produção da narrativa sobre a diferença, narrativa que gera a ideia de binarismo dos gêneros e da misoginia.

Como também aponta Oyewumi (2020, p. 97), o conceito de gênero deriva das experiências européias e estadunidense. Isso quer dizer que é pensado como conceito universal, mas trata particularmente das políticas euro-estadunidense (2020, p.99), o que gera uma problemática, visto que as realidades culturais se modificam de acordo com as regiões, portanto a noção de gênero deve partir do mesmo pressuposto, já que é pensado a partir de uma construção sociocultural. Não deve ser considerado como um modelo acabado e universal, pois variam de acordo com as regiões e suas respectivas culturas e modos de organização.

Neta permite a seguinte reflexão: gênero é “a forma como eu me vejo”. Antes de provocar com esta afirmativa, ela expõe que:

Gênero é um conceito formulado nos anos 70 com profunda influência do movimento feminista. Foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há macho e fêmea na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher são produtos da realidade social e não da anatomia dos seus corpos. (2021)

Quando ela diz que é a forma como se vê a si próprio, ela vai além da construção cultural, ela ultrapassa os limites da imposição do ser e da produção do sujeito, permitindo a liberdade de se considerar o que deseja, essa noção permite uma quebra de paradigma, pois

para el ejercicio de la colonialidad del ser, el poder instala el represor dentro de nosotros mismos, manipula desde lo más íntimo de nuestras subjetividades y cuerpos, y ahí radica la eficacia de la colonialidad del ser, pues así se construyen subjetividades alienadas, sujetos sujetos, se impone un ethos útil a la dominación. (GUERRERO, 2010, p.9)

Se o meio influencia a gente, então não tem como essa subjetividade ser decolonial visto que é uma subjetividade que está inserida no meio em que se constrói as sexualidades, os gêneros e o sexo. Fugir dessa lógica é intrigante e cansativo, mas necessário, definir-se enquanto algum gênero não quer dizer escapar da lógica atual, mas ter a “liberdade” de definir-se dentro dos gêneros já imposto é uma forma de subversão, principalmente, quando essa definição acontece fora da lógica imposta, como nos casos de homens e mulheres trans, que estão subvertendo a ordem imposta.

O que se pode compreender a partir da afirmativa de Neta é que os sujeitos podem pensar-se, a partir de suas próprias subjetividades, sem precisar encaixar-se

nas qualificações do ser sujeito. Esse sujeito é produzido pelos sistemas jurídicos, como afirma Butler (2003, p.19), para que possa ser representado e para isso precisa obedecer a um ethos. Por si só, esse processo de produção e representação se torna falhos quando a própria definição de “mulher” não é mais compreendida como estável e permanente.

A partir dessas reflexões pode-se observar que gênero é considerado como resultado de uma construção histórica, mas que também é performático, que cruza os corpos de modos diferentes, essa definição se aproxima da que já foi pontuada anteriormente, gênero como relacional, marcada pela construção histórica e cultural, que atravessa os corpos e corpos de maneiras diferentes, sendo, portanto, de análise densa, complexa, interseccional e decolonial (CABRAL, Alcileide, 2020, p.12) que foi considerada a definição a ser utilizada no decorrer desse trabalho, não se aproxima só da definição aqui utilizada, mas à de muitas teóricas feministas.

É importante também quando a gente pensar e falar sobre corpos, a gente também começar a entender que existem corpos que são plurais, existem corpos diversos e a gente precisa enxergar em toda essa dimensão. Além de todo esse olhar cis-gênero. (MONTEIRO, 2021)

O termo “corpo” aparece com uma enorme frequência durante todo o curso de formação, pois é em torno dos cuidados com ele, da compreensão sobre ele que se pauta toda a discussão. Esses corpos feminilizados, que carregam histórias e memórias (TORRES, 2021), são pensados a partir dos corpos masculinizados (dias, 2021) e que carregam o sofrimento das mulheres (NETA, 2021).

Se você não conhecer seu corpo, você não sabe nada da vida. O corpo da mulher é de uma preciosidade que você nem imagina, você tem que conhecer, tem que saber, o seu corpo, tem que saber como você é, para poder lhe dar com as coisas, com as emoções de cada pedacinho que você tem dentro de você, do seu ser, da natureza, do seu ser você mesma. (DIJÉ, 2021)

A fala de Dijé de Tremembé está ligada diretamente ao processo de autoconhecimento que é incentivado dentro dos Círculos de Mulheres como meio de conhecer a si próprio e a partir disso poder provocar mudanças internas e externas. Retomando o controle sobre si e sobre seu corpo, as mulheres do Sagrado Feminino acreditam que dessa maneira é possível promover a mudança de paradigma do olhar da mulher sobre o seu corpo, as práticas de cuidados e as práticas sociais (DE PAULA, 2021).

Dijé traz um olhar indígena sobre o corpo, e o que isso quer dizer? A relação que os indígenas têm com o corpo é diferente da relação dos povos ocidentais, que é a atualmente imposta. Como aponta Oyewumi, para os povos ocidentais “ a noção de diferença e hierarquia na sociedade são biologicamente determinadas” (2021, p.39), e surge então a noção de que “a sociedade é constituída por corpos e como corpos” (2021, p.40) e a partir disso “podem-se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas” (2021, p.40) apenas através do olhar.

“A razão pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é que o mundo é percebido principalmente pela visão” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 42), por esse motivo a diferenciação é tão marcada e estudada. “O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade , capta o privilégio ocidental do visual.” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 42)

Dentro dessa perspectiva, é possível perceber que a relação com os corpos diferenciam-se de acordo com as culturas. Levando em consideração essa afirmativa baseada nos estudos do Oyewumi sobre o corpo, pode-se observar que a visão de Dijé sobre o corpo é diferente da lógica eurocentrista. Ela traz para a discussão no Curso a necessidade de aprender cada vez mais sobre o corpo, para ela o corpo conversa com você e diz o que precisa, para isso é preciso ouvir mais o próprio corpo, a fim de se conhecer, compreender suas dores e necessidades, para curá-las por meio dos medicamentos da própria natureza.

Cada facilitadora conceitua a partir de seus lugares de fala, visto isso, Luiza Cavalcante (2021) “do meu lugar de fala, falo de corpos negros femininos, que mesmo passado mais de 500 anos continuam lutando para se manterem vivos em meio ambientes hostis.” e continua “esses mesmos corpos continuam sendo violentado numa sociedade capitalista patriarcal, machista, racista, misóginas, lesbofóbica, numa sociedade cujos os corpos pretos são obrigados a passar fome”.

O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. [...] “cosmopercepção” será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos. (OYĚWÙMÍ, 2021, p.42)

Luiza (2021) diz “vamos falar desse corpo em diáspora, cheio de afro cosmopercepções, que se manifestam muitas vezes sem que a gente possa compreender.” Corpo em diáspora faz referência aos corpos negros escravizados, afastados de seus povos e territórios, que permaneceram sem direitos e territorialização e por isso, muitas vezes, a compreensão sobre si é deturpada.

Neta contribui para a ampliação dos diálogos a partir das perspectivas do universo trans, dando visibilidade a esse lugar de fala e abordando questões fundamentais para o enfrentamento do machismo estrutural, do racismo, da homofobia e transfobia. No módulo 1, Neta fala um pouco sobre as sexualidades, a diferenciação entre sexo, gênero e sexualidade.

Aponta para a cabeça e diz que corresponde ao gênero, aponta para o que coração e liga a sexualidade, aponta para a região da pelve e relaciona ao sexo (biológico). Neste gesto, ela relaciona o gênero a ser o que/como se pensa, a sexualidade à afetividade e sexo à biologia. Ela também comenta que a orientação sexual e a identidade de gênero não são resultados da funcionalidade biológica, mas de uma construção social.

Algumas teóricas feministas apontam que todos esses pontos são definidos de maneiras diferentes, por serem parte de uma construção cultural. Butler, por exemplo, propõe a formulação, no interior da estrutura, de uma crítica às categorias de identidade que as estruturas engendram, naturalizam e imobilizam. (2003, p. 22) São a partir delas que os conceitos são definidos, ela cita que é “impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais”(2003, p.20), o mesmo se pensa a respeito do sexo e sexualidade (2003, p.25)

Neta define as sexualidades, como relacionada à desejo sexual/relações sexuais, fala sobre as pertencentes à sigla LGBTQIAP+. Lésbicas - mulheres que se relacionam afetivamente por mulheres-, gays - homens que se relacionam afetivamente com homens-, bissexuais - se relacionam com homens e mulheres, Panssexuais - se relacionam com todos os gêneros-, demissexual - se relacionam sexuais com pessoas que já tem relação afetiva, interssexual - pessoas que têm os dois órgãos sexuais, queens - pessoas do gênero queer, que transitam entre os gêneros. Guacira Lobo cita que

Observamos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem "viver seus desejos e prazeres corporais" de muitos modos (Weeks, apud Britzman, 1996). Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. (1997, p.21)

Participam do curso mulheres que se definem em diferentes sexualidades, isso contribui para que diferentes narrativas sejam abordadas. Desse modo, contribui para, o que cita Letícia Nascimento, "ampliar a rede de diálogos umas com as outras percebendo nossas singularidades plurais, não de modo exótico ou invasivo" (2021, p. 70). Assim, rejeita uma hegemonia de sexualidade e promove a discussão das sexualidades a partir de seus lugares e diferenças.

Ainda assim, dentro do Movimento de Sagrado Feminino, assim como as radfem, existem mulheres cis que não concordam com a autodefinição das mulheres trans como mulheres. Esse é um grande ponto de embate dentro dos movimentos, pois se até a definição do que é Ser Mulher é mutável entre as teóricas, se o gênero é considerado performático, se torna difícil dizer que mulheres trans não são mulheres.

Com a ampliação da rede de diálogo entre as mulheres a partir de suas variadas sexualidades, permite a troca de saberes, que cada uma detém a partir de seus lugares sociais. Essa prática permite que a visão seja ampliada e que outras perspectivas sejam faladas

Essa quebra da hegemonia de um discurso durante o Curso de Formação, pode ser percebida nos diferentes momentos, a discussão geral, os debates dos módulos e as contribuições pessoais. Como já dito, no curso participam mulheres negras, indígenas, brancas, diferentes condições sociais, mas a maioria de classe média baixa, mulheres trans, cis, bissexuais.

Para Mayza Dias, 2021, a Ginecologia Natural é sinônimo de Ginecologia Política, que é a capacidade de proteger as mulheres, estuda os cuidados de uma determinada anatomia e de uma categoria social e a relação com o modo de produção de 'gente'. É por meio dela que se torna possível pensar quem cuida, proteger quem cuida, instrumentalizar para esse cuidado, dentro de uma perspectiva anti-sistêmica,

se distanciando do consumo exacerbado, promovendo o respeito ao meio ambiente e buscando um olhar de igualdade e respeito.

Ainda segundo Dias, é uma forma de reapropriação do que a medicina corporativa expropriou, utilizando como ferramenta de proteção e de cuidado, hoje, que busca na natureza promover um estado de existência saudável. Considera a Ginecologia Política como “um caminho ousado a uma práxis feminista”, com raízes feministas, cita os “grupos de autoconsciência” realizados pelas feministas anarquistas, que já promoviam grupos/rodas/círculos de forma sistematizada, promovendo a autoconsciência por meio da fala/escuta.

A Ginecologia Natural e Autônoma, então, realiza práticas que estão inclusas na atenção primária à saúde (APS) prevista pelos SUS. É aplicável no hoje e cada vez mais buscam-se alternativas para que mulheres urbanas e rurais possam utilizar-se dela, diferencia-se da Ginecologia Moderna/ Medicina Corporativa, que tem raízes racistas, por experimentos em mulheres negras. Por fim, considera a Ginecologia Política como oportunidade de mudar o paradigma de cuidado de nossa sociedade.

Karuna de Paula, 2021, concorda com Mayza dias, 2021, quando cita que a Ginecologia Natural e Autônoma promove uma mudança de paradigma do olhar mulher sobre si, sobre o seu corpo, das práticas de cuidados e práticas sociais. Quando considera a GNA como práxis da cultura feminista, sugerindo um diálogo entre a GNA e os movimentos feministas. Bem como, quando afirma que os cuidados com os corpos e corpas são heranças das culturas pré-capitalistas.

Para Gabriela Imelk, 2021, a GNA e autonomia são pensadas como ferramentas políticas e enquanto ferramenta é necessário que se reverta em políticas públicas. A maneira que o Curso aborda a GNA, propõe que ela seja uma ferramenta revolucionária “para poder agir dentro de todas essas estruturas, tentar destruir ou reconfigurar essas estruturas hegemônicas de opressão, para construção de uma realidade mais justa, mais equânimes, mais equilibrada” (IMELK, 2021).

Ainda segundo Imelk, 2021, uma ação política é uma ação coletiva, pois “a política se dá nesse lugar coletivo, da nossa existência dentro do todo social” ela sugere que é necessário se entender enquanto indivíduo e se cuidar enquanto

indivíduo, as práticas da GNA propõe esse autoconhecimento e cuidados. Do mesmo modo, afirma que o olhar político é imprescindível, pois não vivemos isoladamente, estamos inseridos dentro de uma coletividade. "O que faz sentido para gente enquanto uma existência feminina é que ela seja uma existência política" (IMELK, 2021).

5 Considerações Finais

Nos capítulos anteriores discorreu sobre as formações dos círculos e suas matrizes teóricas, sobre as aproximações entre os feminismos e o movimento da espiritualidade feminina, a qual coloca em prática o Círculos de Mulheres discutido. Por fim, foi feita a análise do Curso de Formação, com o intuito de investigar as práticas internas, as feministas que o compõem e as discussões promovidas. Para compreender melhor sobre esse movimento que continua a se expandir.

A partir do primeiro capítulo, pode-se compreender os seguintes pontos: Círculos de Mulheres podem ser qualquer círculo composto por mulheres, que tenham o mesmo propósito e que estão em busca de alguma transformação em comum. As mulheres podem se encontrar com a frequência e no local que desejarem e podem se reunir para discussões sobre questões femininas, sobre questões pessoais e internas, para práticas terapêuticas, entre outros motivos.

Existem os Círculos de Mulheres que são realizados pelo movimento da espiritualidade femininas, estes têm seus princípios a seguir, geralmente, se reúnem para rituais e cerimônias para as deusas, como fortalecimento do poder, essência e do sagrado feminino. Realizam práticas de cuidado e de autocuidado, na intenção de recuperar o controle e saberes das mulheres sobre si, através da autonomia e do autoconhecimento.

Independente da motivação, os círculos têm a capacidade de promover mudanças internas para quem participar e contribuir para que os participantes coloquem em prática durante seu cotidiano os conhecimentos e saberes adquiridos com as práticas do círculos. Além disso, os círculos têm diversas potencialidades e elas podem ser observados de acordo com o propósito de cada um, se encaixa em diferentes âmbitos e não precisa de muito para serem realizados, o que contribui para que sejam cada vez mais realizados e que sejam acessíveis.

Dentro do movimento feminista, por exemplo, as mulheres se reúnem em círculos para discutir as pautas e as necessidades, para construção de atos. No

segundo capítulo, fica nítido que apesar de surgirem por motivações um pouco diferentes, as práticas internas se diferenciarem, bem como as discussões, uma com viés político e outro, espiritual, os movimentos têm a intenção de apoiarem, incentivarem, quebrar paradigmas das questões femininas, promover o empoderamento das mulheres e discussões que incentivem a autonomia das mulheres.

E, mesmo que algumas questões se encontrem, não se pode dizer que um movimento pode ser ou é melhor que outro, ambos podem se complementarem. É preciso estar atenta e ser cuidadosa para que essa discussão não provoque o esvaziamento das discussões feministas, que estão ligadas à conquistas civis e de direitos, contribuindo massivamente para mudanças externas, sociais.

As práticas de autocuidado podem e devem ser estimulados e debatidas, como vem acontecendo dentro do movimento feminista, mas é preciso que o propósito dos feminismos sejam assegurados. As mulheres podem participar de ambos movimentos e levar contribuições de um para o outro, mas um não tem como substituir o outro, visto que alguns de seus objetivos e práticas se diferenciam.

Enquanto as mulheres dos movimentos feministas organizam atos pelo Brasil, discutem sobre legalização do aborto, violência contra a mulher, racismo, justiça socioambiental, transfobia e transfeminicídio, feminicídio, desencarceramento em massa. O Sagrado Feminino promove Círculos de Mulheres para a realização de rituais, cerimônias, cultos, tiragem de tarô, danças, bênçãos do útero, vaporização, autoexame, meditação, conversas.

Com isso, é feita a diferenciação entre os movimentos dos feminismos e da espiritualidade feminina, bem como nos pontos que convergem, o que propõe contribuir e de que maneira podem contribuir. Para demonstrar como alguns desses Círculos acontecem e de que maneira contribui na prática para as mulheres, como a promoção a inclusão da população LGBTQIA+, convidando a participarem e a trocaram conhecimentos dentro desses espaços, e operando com as interseccionalidades que atravessam as mulheres, foi realizada a análise do Curso de Formação, já citado.

O Curso traz a prática da Ginecologia Natural e Autônoma para através dela discutir questões ligadas aos corpos feminilizados, principalmente a questão de

cuidado e de autocuidado, as quais as mulheres foram responsáveis por muito tempo e foram as precursoras nas ações de cuidados.

As mulheres sempre foram curandeiras. Elas foram as primeiras médicas e anatomistas da história ocidental. Eram também enfermeiras, conselheiras e realizavam abortos. Foram as primeiras farmacêuticas com seus cultivos de ervas medicinais, compartilhando os segredos de seus usos. Durante séculos, as mulheres foram médicas sem diploma, excluídas dos livros e das palestras, aprendendo umas com as outras e passando suas experiências entre vizinhas e de mãe para filha (EHRENREICH, ENGLISH, p.3)

Não obstante, as curandeiras eram as únicas que prestavam assistência médica ao povo pobre e doente (EHRENREICH, ENGLISH, p.19). Devido a isso, tinham a necessidade de continuarem a utilizar as práticas de cura, mesmo durante o período da Inquisição. Sem contar que a medicina estava submetida à Igreja Católica, pois foi ela quem assegurou que o papel de médico profissional devia ser relegado aos homens autorizados. (EHRENREICH, ENGLISH, p.8).

Para isso utilizavam-se dos saberes que eram repassados entre as gerações e que eram adquiridos através das trocas entre as mulheres, como aponta Mary del Priore,

Desprovidas dos recursos da medicina para combater as doenças cotidianas, as mulheres recorriam a curas informais, perpetrando assim uma subversão: em vez dos médicos, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, resgatavam a saúde. A concepção da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindo da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de curas indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira. (2004, p. 74)

O Sagrado Feminino opera com as experiências, com o conhecimento ancestral, renegado pelo patriarcado, os conhecimentos passados por meio da oralidade foram descartados, agora vêm sendo resgatados, valorizando, buscando a ancestralidade feminina branca, negra e indígena. O curso promove o conhecimento sobre várias temáticas femininas, o debate de gênero e de outras questões, a partir da perspectiva da Ginecologia Natural. A Ginecologia Natural faz conexão fecunda com os os saberes ancestrais para a autonomia da mulher sobre o próprio corpo,

contribuindo para o autoconhecimento e a coletividade entre as mulheres que trocam conhecimento.

Além da discussão sobre os cuidados, as mulheres que participam da Roda são marcadas pelas interseccionalidades, o que representa a diversidade presente na sociedade brasileira. Fazendo necessárias discussões sobre essas intersecções, como meio de gerar reflexão nas mulheres que assistiam.

Essa é uma das formas que os Círculos de Mulheres se distanciam do sistema patriarcal, da ideia hegemônica e das hierarquias. Respeitando as diferenças e o lugar de fala de cada uma delas, inclusive, ressaltando esse lugar de fala. Isso permite fugir da dominação masculina sobre os corpos e corpos que carregam história de dores e perseguições, a partir da confluência dos saberes ancestrais, não só das culturas europeias, mas, principalmente, dos saberes indígenas e africanos.

A quebra da hegemonia de um discurso durante o Curso de Formação, pode ser percebida nos diferentes momentos, a discussão geral, os debates dos módulos e as contribuições pessoais. Como já dito, no curso participam mulheres negras, indígenas, brancas, diferentes condições sociais, mas a maioria de classe média baixa, mulheres trans, cis, bissexuais.

Com a ampliação da rede de diálogo entre as mulheres a partir de suas interseccionalidades, permite a troca de saberes, que cada uma detém a partir de seus lugares sociais. Essa prática permite que a visão seja ampliada e que outras perspectivas sejam faladas.

As práticas realizadas dentro dos Círculos de Mulheres e citadas dentro do Curso de Formação, podem contribuir para a decolonização do ser, a partir do momento que tocam nas subjetividades, no imaginário, na sexualidade e nos corpos, assim como os conceitos utilizados.

Com isso, é possível concluir que as reflexões geradas estão ligadas a mudança de pensamento sobre o corpo da mulher e a apropriação dele, o reconhecimento do poder que esses corpos e corpos detêm e as diversas apropriações que são feitas nesse corpo da mulher, do saber sobre esse corpo em que a Ginecologia Natural se debruça.

Pensar as ações de cuidados propostas no Curso, ações que derivam de práticas ancestrais, que vêm sendo resgatadas ou que permanecem entre tradições familiares ou locais, é pensar como elas são revolucionárias e decoloniais, pensar além da razão e da ciência corporativa. Trazer essas discussões e conhecimentos e debatê-las dentro da academia é “corazonar”⁴ as produções de conhecimentos acadêmicos.

É possível concluir que, apesar dos Círculos de Mulheres poderem ser promovidos em qualquer lugar e com diversos propósitos, os Círculos de Mulheres ligados à espiritualidade feminina, são maneiras práticas de difundir o Sagrado Feminino. A Ginecologia Natural está ligada a esse movimento e por meio dela é possível conectar prática e teoria, às práticas da Ginecologia Natural são sempre realizadas, incentivadas e discutidas dentro com Círculos de Mulheres, configurando assim, esse espaço como inclusivo, empoderador e decolonizante.

⁴ Dar afetividade à inteligência. (GUERRERO ARIAS, 2010, p. 6)

6 REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Ed. Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS**, Rio Grande do Sul, Vol. 3, Nº 8, p. 9-30, Janeiro - Junho, 2011.

ARIAS, Patricio Guerrero. 2010a. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). In: **Calle14: Revista de Investigación en el Campo del Arte**. 4 (Julio-Diciembre).

AZEVEDO, Fernanda Maria Caldeira de. O conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais: uma contribuição feminista. **Revista Três Pontos - Dossiê Múltiplos Olhares sobre Minas Gerais**, n.1, v.13, p. 14-20, 2016.

BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro**; relações entre homens e mulheres. 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010. p. 219- 229.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOLEN, Jean Shinoda. **O Milionésimo Círculo**: como transformar a nós mesmas e ao mundo: um guia para círculo de mulheres. 2a ed. São Paulo: Triom, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio

de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CORDOVIL, Daniela. Espiritualidades feministas: Relações de gênero e padrões de família entre adeptos da wicca e do candomblé no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, p. 117-140, setembro 2016.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 431-449, maio-agosto 2015.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**. Vol. 2, Nº 4, p. 19-34, Dezembro 2013.

EHRENREICH, Barbara, ENGLISH, Deirdre. Bruxas, Parteiras e Enfermeiras. Eua: The Feminist Press, 1973.

FAUR, Mirella. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas**. 1ª ed. São Paulo: Pensamento, 2011.

1. GONZALEZ, Lélia. “Por Um Feminismo Afro-latino-americano”. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20Um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf> Acesso em: 10 ago. 2019.

HAHNER, June E. **A MULHER BRASILEIRA e suas lutas sociais e políticas: 1850 - 1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

LEME, André. Virada digital? Pesquisa histórica no ciberespaço. **Revista Tempo & Argumento**, v. 10, p. 136-169, 2018.

Louro, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

LUGONES, María. Subjetividad esclava, colonialidad de género, marginalidad y opresiones múltiples. **Pensando los feminismos en Bolivia: Serie Foros 2**. 1ª ed. La

Paz, Conexión Fondo de Emancipación, 2012, pp.129-140.

MACHADO, Regiane. O Sagrado Feminino: poder que vem de dentro - despertar, cura e empoderamento das mulheres. **Cadernos de Agroecologia** – Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia – Vol. 15, N° 3, p.1-6, 2020.

MOREIRA, Matheus; DIAS, Tatiana. “O que é ‘lugar de fala’ e como ele é aplicado no debate público”. **Nexo Jornal**, 2017.

NASCIMENTO, Leticia. Transfeminismo. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. tradução wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. in: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

PEDRO, Maria Joana. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 52, p. 249-272 - 2006

PEDRO, Maria Joana e Wolff, Cristina Scheibe. Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 55-69, jan.-jun. 2007

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo : Contexto, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.

Roda Eumulher. **Módulo 1: Ginecologia Natural, Autocuidado Feminino e Ancestralidade**. Youtube, 2021. Disponível

em:<<https://www.youtube.com/watch?v=VtY7b7jIFwI>>. Acesso em 11 de set. 2022.

Roda Eumulher. **Módulo 2: Ginecologia Natural e Saberes Indígenas**. Youtube, 2021. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=FFB4Tdp4uvg>>. Acesso em 11 de set. 2022.

Roda Eumulher. **Módulo 3: O Corpo x Meio Ambiente x Meio Social x Alimentação**. Youtube, 2021. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=RE7lx3xsMEE>>. Acesso em 11 de set. 2022.

Roda Eumulher. **Módulo 4: Ginecologia Natural e Promoção à Saúde e Cultura: Qual relação?** Youtube, 2021. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=EzO25-hHfCI&t=4488s>>. Acesso em 11 de set. 2022.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS CORPO, 1991.

STROMQUIST, Liv.. **A origem do mundo**: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado; tradução de Kristin Lie Garrubo. 1 ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

WASSMANSDORF, Marina Lis. Feminismos de/pós coloniais sob rasura: As perspectivas de gênero e patriarcado de Maria Lugones, Rita Segato e Julieta Paredes. **CAPTURA CRÍTICA**: direito, política, atualidade. Florianópolis, n.5, v.1, jan./dez., p. 157-173, 2016.